

TURMA MARECHAL MASCARENHAS DE MORAES

1969 – 2019

CINQUENTA ANOS DE UNIÃO E CAMARADAGEM



ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS



Sergio Domingos BONATO

Hugo Tameyassu ARAKAKI

Dedicatória

Os cadetes 1230 Sergio D. **BONATO** e 467 Hugo T. **ARAKAKI** dedicam este livreto a todos os integrantes da Turma Marechal Mascarenhas de Moraes pelos cinquenta anos de convívio e amizade.

Turma Marechal Mascarenhas de Moraes

É impossível entender como pode existir um grupo de pessoas que cultua uma amizade forjada não com quem chegou primeiro, nem com quem conhece há mais tempo, e sim, com quem chegou e nunca se foi.

Somos mais que uma Turma, somos um Estado de Espírito.

Sergio D. **BONATO** e Hugo T. **ARAKAKI**

“Não ande atrás de mim, talvez eu não saiba liderar.
Não ande na minha frente, talvez eu não queira segui-lo.
Ande ao meu lado, para podermos caminhar juntos.”

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

TURMA MARECHAL MASCARENHAS DE MORAES

1969 – 2019

CINQUENTA ANOS DE UNIÃO E CAMARADAGEM

- **Introdução**
- **Capítulo 01 – A AMAN, O PATRONO**
- **Capítulo 02 – O CADETE**
- **Capítulo 03 – A FAMÍLIA, A TURMA**
- **Capítulo 04 – ENCONTROS DA Tu MMM**
- **Capítulo 05 – RELATOS DE INTEGRANTES DA Tu MMM**
- **Conclusão**

Brasília, agosto de 2019

Agradecemos aos colaboradores da Tu pelos subsídios fornecidos e pelos prestimosos textos com experiências vividas.

A edição deste livreto não tem fins lucrativos

INTRODUÇÃO

“A lei da mente é implacável. O que você pensa você cria; o que você sente, você atrai; o que você acredita, torna-se realidade.” (Buda)

Como neste ano de 2019 a nossa Turma está completando meio século da chegada na AMAN, caracterizando um marco histórico, idealizamos fazer uma homenagem à Turma Marechal Mascarenhas de Moraes (Tu MMM).

Assim, surgiu a ideia de montar um livreto artesanal com várias publicações que relatem os 50 anos de chegada de nossa Turma na AMAN – 1969/2019.

Também, foi decidido que não seria uma publicação oficial da Turma e sim um livreto de caráter particular, linguagem coloquial, sem patrocínio, sem fins lucrativos, com edição limitada.

Pedimos desculpas aos amigos da Tu MMM e demais leitores pela maneira singela com que apresentamos esse marcante acontecimento.

Sabemos que muitos assuntos foram olvidados, outros menos importantes foram explorados. O encontro da unanimidade de gostos é complexo e quase impossível. Por favor, relevem as falhas.

Ainda com referência ao conteúdo, devemos nos desculpar, também, quanto aos temas abordados e variedades de assuntos, uma vez que tiveram de ser resumidos e a amplitude foi limitada, tendo em vista tratar-se de um livreto com dimensões e espaços reduzidos.

Vejam, caros leitores, o caso das narrativas que compõem o capítulo cinco, onde somente foi possível registrar as declarações de poucos integrantes da Tu. Aproveitando o ensejo, os autores agradecem aos colaboradores que, com muita propriedade, externaram experiências vividas na caserna, como cadete e como oficial, e em suas peregrinações pelos mais distantes rincões de nosso imenso país. É o ponto alto do livro.

Há dois tipos de felicidade – a de curto prazo e a de longo prazo. Não vamos explorar neste livro a felicidade de curto prazo, aquela que vivemos no dia anterior, algumas horas antes, um contato recente com um amigo, a delícia de um lauto almoço, ou quando seu time de futebol vence uma partida. Na felicidade de curto prazo o ontem é que importa.

Neste livreto vamos falar da felicidade de longo prazo, aquela que se sobrepõe ao tempo. Ela é forjada no decorrer de uma existência. Ela é representada pela educação adquirida - no nosso caso, foi a formação militar na AMAN. Também é representada pelo patrimônio material e moral

conquistado, pela posição social adquirida, por construir uma família, pela justa e merecida aposentadoria, conquistada após mais de trinta anos de labuta e dedicação exclusiva a uma profissão que abraçou por vocação. Finalmente, é representada pelas consistentes e duradouras amizades, que é o nosso caso da Tu MMM.

Este livreto é o registro vivo de um grupo que há cinquenta anos cultua a felicidade de longo prazo. Obrigado a todos os integrantes da Tu MMM que através dos tempos vêm lutando para que esse elo que nos une jamais seja rompido. Nossas homenagens aos organizadores das reuniões mensais no Rio de Janeiro, em Brasília e em São Paulo e aos que lideram os grupos de Porto Alegre, Curitiba e Fortaleza, que frequentemente se reúnem.

Esta publicação está dividida em cinco capítulos. No primeiro procuramos sintetizar a nossa AMAN e descrever nosso Patrono. No segundo capítulo focamos o Cadete, relatando o dia a dia nos quatro anos de AMAN, que está ilustrado com fotos inéditas. O terceiro capítulo está sendo dedicado à Família e à Turma, onde procuramos, com singeleza, homenagear nossos “anjos da guarda” e explorar eventos relativos a nós militares. No quarto capítulo relembramos os Encontros Anuais, que já são quase uma dezena, os quais, também, estão ilustrados com belas fotos. O quinto capítulo é imperdível, nele estão registrados acontecimentos ocorridos com integrantes da turma, cujas histórias contadas mostram a singularidade de nossa profissão.

Prepare seu coração. Coloque em evidência seus bons pensamentos e lembranças agradáveis. Assim, o trem dos sonhos, o transportará em uma inesquecível viagem pelos encantos de uma vida de caserna.

Boa leitura.

Capítulo 01

A AMAN, O PATRONO

1. A ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS – AMAN



“Cadetes ides comandar, aprendei a obedecer”.

a. HISTÓRICO

A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) é a única instituição de ensino superior responsável pela formação dos oficiais combatentes de carreira do Exército Brasileiro (EB), das Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações, do Quadro de Material Bélico e Serviço de Intendência do EB.

A AMAN é herdeira direta da mais antiga escola militar das Américas – a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, fundada em 1792, no Rio de Janeiro.

Sua história oficial tem início em 1810, com a criação da Academia Real Militar pelo Príncipe Regente D. João, instalada na Casa do Trem, no Rio



de Janeiro, hoje Museu Histórico Nacional.

Ao longo dos seus mais de duzentos e oito anos de existência, a Academia Militar ocupou seis sedes – Casa do Trem, Largo de São Francisco, Praia Vermelha, Porto Alegre, Realengo, até que, em 1944, ela chegou à Resende, sua atual sede.



Em 1951, recebeu sua atual denominação: **Academia Militar das Agulhas Negras**. Sendo que o grande idealizador da AMAN foi o Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, que implementou uma série de mudanças na formação dos oficiais do EB na década de 1930 e criou o Corpo de Cadetes, o estandarte e uniformes históricos.

b. FORMAÇÃO DO CHEFE MILITAR

Herdeira dos ensinamentos e da tradição bicentenária da Academia Real Militar, é na AMAN que se inicia a formação do chefe militar, em um curso de cinco anos de duração, tendo o seu primeiro ano na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEEx), na cidade de Campinas-SP. Ao seu final, o concludente é declarado Aspirante a oficial e recebe o grau de Bacharel em Ciências Militares, após ter cumprido uma grade curricular que inclui disciplinas ligadas às ciências humanas, exatas, sociais e militares inerentes às diversas especialidades que integram a Linha de Ensino Militar Bélica do Exército.

A AMAN dedica especial atenção à formação ética e moral dos cadetes, no intuito de entregar ao Exército oficiais que se destaquem pela integridade, honradez, honestidade, lealdade, senso de justiça, disciplina, patriotismo e camaradagem.

A partir de 2018, a AMAN abriu seus portões para cadetes do segmento feminino.

A AMAN fundamenta a formação em conhecimentos, habilidades e atitudes forjados por valores cívicos e morais e pelas raízes históricas e tradições do EB. É na AMAN que o futuro oficial desenvolve suas virtudes militares, tornando-se um profissional identificado com os mais nobres sentimentos de “servir” à Nação Brasileira, comprometido com o Exército e capaz de participar da defesa da Pátria.

c. OBRIGADO AMAN!

Hoje, ao consultar diversos integrantes da Turma Marechal Mascarenhas de Moraes (Tu MMM), observa-se que há unanimidade nos gestos de gratidão àquela Escola de civismo que nos tornou cidadãos comprometidos com o bem-estar do Brasil e nos preparou para sermos vencedores.



“Cadete! Você que ingressa na AMAN hoje, 12 de fevereiro de 1969, por este portão monumental, siga em frente com orgulho, pois do alto dos píncaros das Agulhas Negras o Brasil vos contempla” (frase adaptada às palavras de boas-vindas à Turma)

É com esse espírito de dedicação integral à nossa Pátria, que os integrantes da Tu MMM, que ingressaram na AMAN em 12 de fevereiro de 1969, juraram defendê-la, se preciso for, com o sacrifício da própria vida.

Há 50 anos pulsa em nossos corações os valores cívicos – preservação da família, da ética, da honestidade e do patriotismo – e os valores morais - da verdade, da lealdade, da probidade e da responsabilidade - forjados com suor e lágrimas naquela Escola de formação de líderes militares.

Obrigado AMAN, por nos ensinar a enfrentar os mais diferentes obstáculos, seguindo o lema: **“lutar sempre, vencer talvez, desistir nunca”**.

2. O PATRONO - MARECHAL MASCARENHAS DE MORAES



“Os feitos da Força Expedicionária Brasileira, sob o vosso comando durante a campanha do IV Corpo da Itália, terão um lugar permanente quando for escrita a história da II Guerra Mundial”. (Gen Willis Crittemberg, Cmt do IV Corpo Ex dos EUA)

a. A origem e a profissão escolhida

João Batista Mascarenhas de Moraes nasceu em São Gabriel (RS) no dia 13 de novembro de 1883. Era filho de Lafaiete Apolinário de Moraes e de Manuela Mascarenhas de Moraes. Seu avô, Enéias Apolinário de Moraes, participou da Revolução Farroupilha, que conflou o Rio Grande do Sul de 1835 a 1845.

Em 1898, aos 14 anos, ingressou na Escola Preparatória de Rio Pardo. Nessa época ele já morava em Porto Alegre, onde já trabalhava e estudava. Concluiu o curso preparatório em 1902, e foi completar seus estudos militares na Escola Militar do Exército, situada na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro.

Durante o curso na Escola Militar houve uma revolta de cadetes, que provocou o fechamento da Escola, em novembro de 1904. Ele e outros cadetes foram incorporados em Organizações Militares do Rio de Janeiro. Em junho de 1905, servindo no 6º Batalhão de Artilharia de Posição, situado na fortaleza de São João, foi chamado para prestar exames finais correspondentes ao ano letivo de 1904, integrando um grupo de cadetes considerados não revoltosos. Aprovado, Mascarenhas de Moraes passou à condição de alferes-aluno, com o curso das três armas.

b. O oficial de Artilharia

Em 1907, foi promovido a segundo-tenente e colocado à disposição do Ministério das Relações Exteriores para servir no contingente militar agregado à comissão de limites do Brasil com a Bolívia.

Em 1908, cursou a Escola de Artilharia e Engenharia e, dois anos depois foi promovido a primeiro-tenente.

Em 1918, recebeu a patente de capitão, tendo exercido funções de adjunto da chefia do Estado-Maior do Exército (EME) e fiscal de ensino da Escola de Tática e Tiro da Guarda Nacional. Serviu, também, no 1º Regimento de Artilharia Montada (1º RAM), situado na Vila Militar do Rio de Janeiro.

Nessa época eclodiram várias revoltas, no forte de Copacabana, na Escola Militar do Realengo, e na Vila Militar, marcando o início do ciclo de levantes tenentistas da década de 1920. O 1º RAM se manteve ao lado da legalidade e combateu os rebeldes da Escola Militar.

Em 1923, foi promovido a major servindo na Escola de Aviação Militar, no Rio, retornou ao 1º RAM em 1924, permanecendo na OM até 1926.

c. Comandante de OM

Em 1928, promovido a tenente-coronel, assumiu o comando do 9º RAM, sediado em Curitiba.

Na Revolução de 1930, Mascarenhas de Moraes manteve sua lealdade ao presidente Washington Luiz e foi preso pelos rebeldes liderados por Getúlio Vargas, que se tornaria presidente, com a deposição de Washington Luiz.

Após ser colocado em liberdade, permaneceu sem função até março de 1931, quando ingressou no curso da Escola de Estado-Maior.

Em 1932, foi promovido a Coronel e assumiu, novamente, o comando do 9º RAM. Era favorável às forças paulistas que articulavam um movimento armado contra o Governo Provisório, exigindo a devolução da autonomia estadual e a imediata reconstitucionalização do país.

Com a eclosão da Revolução Constitucionalista de São Paulo, Mascarenhas de Moraes foi mantido em prisão domiciliar até a vitória das forças fiéis ao governo de Vargas, ocorrida em outubro.

Foi então transferido para o quadro suplementar do Exército e nomeado chefe de gabinete do Departamento de Pessoal do Ministério da Guerra. Em 1934, assumiu a direção da Escola das Armas.

Em julho de 1935, foi transferido para o comando da Escola Militar do Realengo. Estava nesse posto quando eclodiu no Rio a Intentona Comunista de 1935, com a sublevação do 3º Regimento de Infantaria e da Escola de Aviação Militar. Efetivos comandados por Mascarenhas de Moraes se deslocaram para esta última unidade e colaboraram na repressão à revolta, sufocada depois de algumas horas de combate.

d. Atuação como Oficial-General

Em julho de 1937, Mascarenhas de Moraes foi promovido a General de Brigada e nomeado comandante interino da 9ª Região Militar (9ª RM), sediada em Mato Grosso e no ano seguinte foi nomeado comandante da Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Infantaria, no Rio de Janeiro.

No ano de 1941 é designado comandante da 7ª Região Militar (7ª RM), em Recife, onde passava a comandar a área estratégica mais importante do território brasileiro em relação à II Guerra Mundial.

Em janeiro de 1942, as relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo foram rompidas. No mês seguinte, começou uma série de torpedeamentos de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães que operavam nas costas do país, provocando grande indignação popular e manifestações de rua a favor da entrada do Brasil no conflito.

Em 1942, Mascarenhas de Moraes foi promovido a General de Divisão. Em 1943 recebeu o comando da 2ª RM, sediada em São Paulo.

e. Comandante da Força Expedicionária Brasileira - FEB

O Brasil declarou guerra ao Eixo em agosto de 1942, manifestando disposição de enviar tropas para a Europa. Esse assunto foi debatido em Washington pela Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, que propôs a criação de uma força expedicionária brasileira composta de três divisões de infantaria.

Dessas, apenas a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e seus órgãos de apoio foram efetivamente organizados, sendo colocados, a partir de outubro de 1943, sob o comando de Mascarenhas de Moraes.



(fotos–Cortesia: Saint-Clair–Posto de Comando do Mal Mascarenhas de Moraes na FEB – Es Log)

Mascarenhas de Moraes chegou a Itália com as primeiras tropas brasileiras em junho de 1944 e



comandou as forças brasileiras até a rendição das forças do Eixo na Itália, em 2 de maio de 1945.

f. Retorno ao Brasil com a vitoriosa FEB

Após o fim da guerra, ele retornou ao Brasil e, em 1946, foi promovido a Marechal, por ato do Congresso Nacional, e recebeu o comando da 1ª Região Militar na então capital brasileira, Rio de Janeiro.

Em 1953, foi nomeado chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA), oportunidade em que acompanhou a crise política que levaria ao suicídio de Getúlio Vargas no ano seguinte. Depois do suicídio do presidente, em agosto de 1954, ele retornou para a reserva e publicou as suas memórias, como comandante da Força Expedicionária Brasileira.

Em 1955, apoiou o movimento militar liderado pelo Gen Teixeira Lott, que garantiu a posse de Juscelino Kubitschek na presidência da República.

O Marechal Mascarenhas de Moraes foi casado com Ada Brandão Mascarenhas de Moraes.

Ele faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 17 de setembro de 1968.

g. Homenagens recebidas



Em São Gabriel, cidade de seu nascimento, encontra-se, na praça Fernando Abbott, um nobre monumento em sua homenagem. Nele estão escritas as batalhas que o marechal comandou na Segunda Guerra Mundial.

O principal Pátio de Formaturas da Academia Militar das Agulhas Negras chama-se Pátio Marechal Mascarenhas de Moraes, sendo carinhosamente chamado pelos cadetes de P3M.



A Usina Hidrelétrica de Peixoto inaugurada no início de 1957, localizada em Minas Gerais com capacidade instalada de 478 MW, recebeu a denominação de Usina Marechal Mascarenhas de Moraes.

Além dessas referências, centenas de ruas, avenidas e escolas, em todos os rincões do Brasil, levam o nome de "Mascarenhas de Moraes" em sua homenagem.

Sendo fonte de inspirações permanente de todos os brasileiros, aquele velho camarada, que dedicou seus 84 anos de vida ao EB e ao Brasil e que serviu à caserna verde-oliva por mais de 65 anos - um verdadeiro herói militar - recebeu uma justa homenagem da singular turma de cadetes, que adentrou aos portões da AMAN em fevereiro de 1969, escolhendo-o como Patrono.

A Turma que hoje ostenta, com orgulho, o nome de Turma Marechal Mascarenhas de Moraes – Tu MMM – tem a honra de tornar um símbolo imortal, aquele Chefe Militar vitorioso em qualquer tempo e lugar.

Os integrantes da Turma Marechal Mascarenhas de Moraes foram declarados aspirantes a oficial em 12 de dezembro de 1972.

CAPÍTULO 02

O CADETE

“Há três métodos para ganhar sabedoria: primeiro, por reflexão, que é o mais nobre; segundo, por imitação, que é o mais fácil; terceiro, por experiência, que é o mais amargo.” (Confúcio)

1. VIDA DE CADETE

Há no Brasil uma Instituição “atrasadíssima”! A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN)!

Imaginem só, a AMAN, que forma os oficiais do Exército Brasileiro, é uma Instituição de ensino superior onde não há “cola”. Nem pichação de paredes! Os apartamentos são limpos diariamente pelos próprios cadetes! E tudo tem que estar muito bem arrumado!

Nenhum cadete joga lixo no chão. Nem as pontas de cigarro. A gente anda na AMAN e parece que uma poderosa empresa de faxina acabou de limpar tudo..., mas não é isso: é que ninguém espalha lixo e sujeira!

É incrível, os armários dos cadetes não precisam de chaves ou cadeados. Os livros ficam em armários sem portas. Os horários são cumpridos rigorosamente. Um minuto é um enorme atraso!

Lá o professor (chamado mestre) é tratado com respeito e reverências máximas. O cadete só progride por méritos próprios, e pasmem, não há uso de maconha ou qualquer tipo de droga. Será desligado o cadete que fizer uso.

A vida dos cadetes não é fácil: acordam invariavelmente por volta de 05:30 horas da manhã. Têm atividades o dia inteiro - aulas, treinamento físico (corridas, natação, pistas de obstáculos, tiro, etc.). Vão dormir, em apartamentos espartanos, com oito ou doze cadetes cada, por volta de 23:00 horas, pois o estudo deve ser feito entre o jantar e o toque de silêncio, quando as luzes dos apartamentos se apagam. Se quiser estudar depois das 23:00 horas, pode, em uma sala de aula. Não há tempo livre para estudo individual de dia - só aos sábados e domingos! Têm que ficar na Academia a semana toda.

Se cometer algum erro - pode ficar punido no final de semana, sem sair da Academia. Tirar serviços - plantão de duas horas de madrugada, de quando em quando. Fazer ronda de segurança nas madrugadas faz parte.

Quando vão para exercícios militares passam fome, sede e ficam sem dormir ou dormem duas ou três horas por noite. Passam semanas em

montanhas com dois ou três graus negativos. Atravessam rios e represas a nado, conduzindo seu equipamento. Aprendem a saltar de aeronaves e viaturas em movimento, arriscando a integridade física ou mesmo a vida. Aprendem a dormir molhados e ao relento. Fazem deslocamentos a pé, conduzindo suas armas e equipamentos por dezenas de quilômetros.

Todas essas dificuldades fazem surgir amizades inesquecíveis. Por isso voltam de cinco em cinco anos para se encontrar e reverenciar a sua Academia, e fazem isso até morrer! E vibram quando se encontram - parecem irmãos que estavam distantes - na verdade são! Irmãos de Armas, cuja amizade é amalgamada como se fosse um cimento eterno e inquebrável.

Mais algumas coisas antiquadas que acontecem nessa instituição “atrasada”: o lema dos cadetes é cultivar a verdade, a honestidade, a responsabilidade e a probidade. Na AMAN, o cadete aprende a amar e proteger o Brasil, que é dever de todo brasileiro.

Nós que fomos formados na AMAN, nos orgulhamos da nossa Universidade Militar, que forma oficial combatente para o Exército e homens de bem para o Brasil.

Não há nada perfeito: sabemos! Mas nos esforçamos para cumprir a nossa missão - defender o Brasil e seus valores e Instituições, com o sacrifício da vida, se necessário. Esperemos que nunca seja preciso.

BRASIL ACIMA DE TUDO!

(Autor desconhecido)

2. REMINISCÊNCIAS ACADÊMICAS



Hugo T. ARAKAKI (Art) (Autor do livreto)



a. Prólogo

Como sabemos, a memória é curta, fatos e passagens mesmo importantes de nossas vidas são, com o passar do tempo, esquecidos ou, parcialmente modificados.

Para manter os detalhes dos acontecimentos, as informações fidedignas e dados precisos de eventos marcantes, sabemos que não podemos acreditar exclusivamente na nossa memória, precisamos, sim, escrever.

Um dos autores deste livreto, usou seu “moleskine” para registrar os fatos rotineiros e episódicos marcantes que se sucederam ao longo dos quatro anos como cadete da AMAN, ou seja, do dia 26 de janeiro de 1969 – chegada à AMAN - até 16 de janeiro de 1972 – Aspirantado.

Pede-se desculpas na transcrição desses registros, uma vez que, como o autor era originário da Preparatória, foi cadete da 2ª e 6ª Companhias do Básico e cursou a Artilharia, os registros foram direcionados para o dia a dia de suas Cia e da Artilharia.

b. Primeiro ano do Curso Básico – 1969

1) Janeiro de 1969

a) Dia 26 (Dom) - Deslocamento em 04 ônibus da Preparatória, Campinas/SP para a AMAN, Resende/RJ, com parada na Churrascaria Clube dos 500. Oficial responsável: Capitão Bizerril. Entrada na AMAN pelo portão lateral, com formatura no Pátio Tenente Moura (PTM) e despedida do Capitão.

b) Dia 28 (3ª F) - Testes psicológicos e psicotécnicos e, em seguida, dispensa.

2) Fevereiro de 1969

a) Dia 10 (2ª F) - Retorno e Início do Período de Adaptação. Primeiro Treinamento Físico Militar (TFM), bastante forçado.

b) Dia 15 (Sab) - Dispensa para o Carnaval, de 16 a 17 fevereiro.

c) Dia 18 (3ª F) – Retorno ao período de adaptação.

3) Março de 1969



a) Dia 1º (Sab) - Cerimônia de entrada dos novos cadetes. Formatura fora da AMAN e entrada em coluna, com continência individual. Claviculário da Turma: Cadete Ivan Teixeira de Assis (o de menor idade).

b) Dia 03 (2ª F) – Início das aulas.

c) Dia 15 (Dom) – Permissão para frequentar o cinema acadêmico. Primeiro filme - “Os 3 Tiros de Ringo”.

d) Dia 17 (2ª F) – Primeira Verificação de Estudos (VE), de Analítica.

4) Abril de 1969



a) Dia 03 (5^a F) até o dia 06 (Dom) – 1^o licenciamento geral.

b) Dia 19 (4^a F) até o dia 04 Mai (Dom) - Cerimônia de abertura e Apoteose (encerramento) das Olimpíadas. Pela primeira vez na história da AMAN uma Cia do 1^o ano (3^a Cia) se sagrava campeã do Curso Básico. A Infantaria foi a campeã em outra categoria.

c) Dia 23 (4^a F) - Aniversário da AMAN – Alvorada festiva.

d) Dia 25 (Sex) – Primeiro Teste de Aptidão Física.

e) Dia 28 (2^a F) - Recebimento do 1^o soldo. Valor: NCr\$ 192,610 (cruzeiros novos).

f) Dia 30 (4^a F) – Recebimento junto ao Almojarifado, do azulão, túnica branca, quepe e calça azul.

5) Maio de 1969

Dia 02 (Sex) - Gen Meira Matos assume o Comando da AMAN

6) Junho de 1969

Dia 02 (2^a F) - Primeiro acampamento. Alvorada para início: 01:40 hs. Nota triste: no último dia, durante a Pista de Combate (4000 m), ocorreu o acidente fatal com um Instrutor, o Tenente Márcio.

7) Julho de 1969

a) Dia 10 (5^a F) até o dia 27 (Dom) - Férias para quem não fechou as matérias de meio semestre (os que fecharam saíram de férias alguns dias antes).

b) Dia 29 (3^a F) - Recebimento, no almojarifado, da túnica e quepe verdes (novo uniforme) e do espadim.

8) Agosto de 1969



a) Dia 09 (Sab) - Revista do 1^o ano com o uniforme azulão e o branco, no PTM, pelo Cmt AMAN, com vistas à cerimônia de entrega do Espadim.

b) Dia 23 (Sab) - Cerimônia de entrega do Espadim. A Ordem do Dia, lida pelo Cmt AMAN, General Meira Mattos, confirma que os cadetes do 1º Ano teriam como patrono o Marechal Mascarenhas de Moraes.

DA FOLHA DE SERVIÇOS DO MARECHAL MASCARENHAS DE MORAES

"Asseguro-lhe que foi para mim um prazer e um privilégio ter, sob o meu comando, a sua formosa Divisão."

(a) Marechal H. R. ALEXANDRE - Comandante Supremo Aliado, agosto de 1945.

"Mostrou-se o ME B, sob seu inteligente Comando, capaz de superar problemas novos, adotar-se e disciplinar-se para o combate, no qual desempenhou parte relevante".

(a) Gen MARK CLARK, Comandante do XV Grupo de Exército, junho de 1945.

"Não nos esqueceremos do serviço e recordaremos os seus valentes feitos, dentre os quais se salienta a captura de 148ª Divisão de Infantaria Alemã".

(a) Tenente-General LUTHER THURSCOTT Jr., Comandante do V Exército, julho de 1945.

"Combatestes brava e valentemente e contribuísteis substancialmente para a conquista da vitória das Nações Unidas. Fostes esta orgulhosa, com a certeza de terdes cumprido integralmente a missão para a qual o povo brasileiro vos enviou para o solo estrangeiro".

(a) Tenente-General WILLIS D. CRITTENBERGER, Comandante do IV Corpo de Exército, julho de 1945.

SERVIÇO DE COMANDO

- SERVIÇO DE COMANDO**
- A LEALDADE
 - A VERDADE
 - A PROIBIDAÇÃO
 - A RESPONSABILIDADE
- (Princípios do Código de Honra do Cadete)



ENTREGA DE ESPADINS

TURMA

Handwritten signature and scribbles

MARECHAL MASCARENHAS DE MORAES

ORDEM DO DIA

do
COMANDANTE

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

Exmo Sr Gen Cbda

Carlos de Meira Mattos

ORDEM DO DIA

Cadetes do 1º Ano! Cadetes da turma Marechal Mascarenhas de Moraes!

Chegou o vosso dia de receber o Espadim de Caxias. Vençades mais uma etapa na jornada rumo ao ideal de ser oficial do Exército Brasileiro. A partir de hoje, adquiris o direito de empunhar a miniatura da espada do grande Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, figura inigualável de chefe militar comprovado sobejante nas durezas da guerra e nas incertezas das crises internas. Empunhareis, portanto, a vossa Declaração de Aspirantes, este símbolo da Honra Militar, que há de vos inspirar e vos conduzir não só durante a permanência nesta Academia, mas através de toda a longa caminhada de vossa carreira.

Entre tantas profissões, escolhestes a de militar. Bem o sabeis que não é uma profissão pródiga em proventos e regalias de ordem material. Longe disto, ela exigirá de vós, sempre e sempre, mais devotio e sacrifício. Teris que vos secutar, desde cedo, a viverdes com o orçamento exigido mas com o moral elevadíssimo, a vigilância inornada e o entusiasmo vibrante. Ao escolherdes o oficiado do Exército como vossa profissão, optastes desde logo entre o idealismo e a prosperidade econômica. Optastes em servir ao Brasil antes que servir a vós mesmos. Renunciastes à perspectiva de riquezas, mas vos empenhastes no compromisso sagrado de dar à este país, tranquilidade e segurança, e fim de que o seu povo possa trabalhar e enriquecer, e que a Nação inteira prospere e atinca-se a níveis elevados de bem-estar econômico e social.

A grandeza do Brasil do futuro, a nossa chegada ao fim do século e do milênio em pedrões de desenvolvimento econômico que nos coloquem entre as nações mais progressistas e prestigiadas do mundo, dependo de vós, bem o sabeis, — de vossa aplicação nos estudos, de vossos esforços no sentido de superardes fraquezas e deficiências e vos transformar

mares numa elite selecionada, altamente capacitada, à altura das responsabilidades que vos cairão sobre os ombros nos próximos 30 anos.

A beleza de vossa profissão está justamente no seu conteúdo idealístico — no ter muito mais que a receber. Conforta e envaidece a nossa consciência de soldados, o sentir que, com o nome trabalho discreto e quase anônimo, de todos os dias, de sol a sol, por toda a fronteira, em todos os sertões, em nossas escolas, nos quartéis de todas as capitais, somos o sustentáculo imbuível da tranquilidade do povo, assegurando-lhe o direito de trabalhar e de progredir, dando à Nação as condições indispensáveis para alcançar as metas do Desenvolvimento.

Feliz foi a imprigão de escolherdes para vosso patrono no início Marechal João Baptista Mascarenhas de Moraes. Não podis ter encontrado figura de soldado mais exemplar para vos servir de guia. Antigo Comandante da Escola Militar do Realengo, foi o Marechal Mascarenhas de Moraes o comandante austero e eficiente da Força Expedicionária Brasileira nos campos de batalha da Europa. Sua competência profissional e seu honradé pessoal, troços inconfundíveis de uma personalidade ímpar de chefe militar, constituiram o fundamento de seus estudos feitos, na guerra e na paz, durante os quase 70 anos em que permaneceu em serviço ativo.

Empunhando agora o sabre de Caxias e guiando-vos pela figura modelar de Mascarenhas de Moraes, haveis de encontrar sempre forças e inspiração suficientes para vencerdes a todos os obstáculos na dura vida de cadete e chegardes ao vosso objetivo — o oficiado do Exército.

Ao mesmo tempo em que recebeis o Espadim de Caxias, ingressais na plenitude do Corpo de Cadetes, cujos princípios éticos e morais, sustentáculos de vos Código de Honra, incorporais definitivamente à vossa vida profissional.

No dia de hoje, de festas para vós, vossos familiares e amigos e de justo contentamento para os vossos chefes e instrutores, recebeis com o Espadim de Caxias mais uma parcela de responsabilidade para com o Exército e com a Nação que têm o direito de muito esperar de vossa esplêndida juventude. Sede felizes.

c) Dia 24 (Dom) - Baile no Clube Monte Líbano (Orquestra Ed Maciel).

d) Dia 28 (5ª F) - Coronel Paiva, Cmt do Corpo de Cadetes, na formatura matinal, faz referência aos "farelos" nas mesas e manda anotar aquelas que não estavam segundo os padrões exigidos.

g) Setembro de 1969

a) Dia 03 (4ª F) até 05 (6ª F) - Início dos exaustivos treinamentos para o desfile de 07 Set (idas e vindas no retão).

b) Dia 07 (Dom) - Alvorada: 00:00h. Desfile no Rio de Janeiro/RJ. Depois, dispensa até 14 Set (Dom).

c) Dia 29 (2ª F) - Desfile do 1º Ano em Resende (aniversário da cidade).

10) Outubro de 1969

a) Dia 16 (5ª F) - Marcha de 16 Km. Quase em acelerado, sem alto horário. Duração: 02:30 h.

b) Dia 27 (2ª F) até 30 (5ª F) - 2º Acampamento (barracas montadas antecipadamente em 24 Out). Muito deslocamento a pé. Assuntos: topografia, pista de combate, apresentação da Pista Rondon, competição de patrulhas, tiro etc. Em 29 Out (4ª F), à noite, Operação Entrevero. Após o retorno do acampamento, licenciamento geral.

c) Dia 30 (5ª F) – Licenciamento geral.

11) Novembro de 1969

a) Dia 05 (4ª F) - Capitão Morais, até então comandante da 3ª Cia, assume a 2ª Cia, em lugar do Capitão Edson, desligado para o Curso de Estado Maior, na ECEME. Na 3ª Cia, assume o Capitão Barreto.

b) Dia 10 (2ª F) - Grave acidente, de madrugada, com ônibus fretado trazendo cadetes do Rio de Janeiro. Houve muitas vítimas.

c) Dia 13 (5ª F) - Pela primeira vez, execução da Pista Rondon prá valer.

d) Dia 18 (3ª F) – Para os cadetes que não fecharam todas as matérias, foi divulgada as datas dos exames finais: 1º Dez – Grupamento II às 13:30 h. 03 Dez – Matemática; 04 Dez – Grupamento III; 06 Dez – Física; 09 Dez – Desenho Técnico e 10 Dez – Direito. Horário de início das provas: 07:00 h.

e) Dia 21 - Finalmente, recebimento da carteira de identidade acadêmica (amarelinha).

12) Dezembro de 1969

a) Dia 03 (4ª F) - Assume o comando da 2ª Cia, o Capitão Alves Filho.

b) Dia 1º (2ª F) até o dia 10 (4ª F) – Início das férias escolares para quem fez exame final e foi sendo aprovado nas respectivas matérias.

c. Segundo ano do Curso Básico – 1970

1) Fevereiro de 1970

Dia 27 (5ª F) – Reunião do Corpo de Cadetes (exceto candidatos ao 1º Ano), à noite, no cinema para ouvir reprimenda do Cmt CC (General Paiva) pelo excesso nos trotes.

2) Março de 1970

a) Dia 02 (2ª F) - Início aulas –semana universitária – Primeiras aulas: 2 tempos Mecânica.

b) Dia 12 (5ª F) - 1ª aula de Equitação.

c) Dia 31 (3ª F) - Formatura. Cmt CC faz marcante alocução sobre o Movimento de 31 Mar 1964, ressaltando a participação da AMAN.

3) Abril de 1970



a) Dia 12 (Dom) até o dia 25 (Sab) – Olimpíada Acadêmica, sagrando-se campeã a 5ª Cia do Básico (nossa turma)



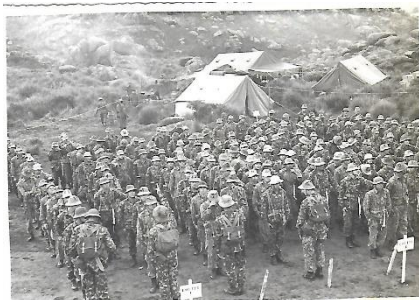
b) Dia 13 (2ª F) - Show Teatro Rebolado – Virgínia Lane.

c) Dia 30 (5ª F) até o dia 03 Mai (Dom) – Licenciamento

4) Maio de 1970

Dia 11 (2ª F) - Teste de cultura geral (100 questões) para todo o 2º Ano, no salão de provas.

5) Junho de 1970



a) Dia 08 (2ª F) até o dia 12 (6ª F) – Estágio de Montanhismo, sob a coordenação da Seção de Instrução Especializada (SIESP).

b) Dia 19 (6ª F) - Testes Sociométricos, para verificar vocação, com vistas a escolha das Armas/Quadros/Serviços. Realizado no salão de provas.

c) Dia 22 (2ª F) até o dia 27 (6ª F) - Acampamento (sobrevivência).

6) Julho de 1970

a) Dia 01 (4^a F) - Formatura no Campo de Parada para o General Moniz de Aragão, Chefe do Departamento de Ensino do EB.

b) Dia 04 (Sab) até o dia 26 (Dom) – Férias escolares. Os cadetes que fecharam as matérias de meio semestre, saiam de férias alguns dias antes.

7) Agosto de 1970



a) Dia 03 (2^a F) - Apresentação da Orquestra Sinfônica Brasileira com pianista Pedrinho Mattar.



b) Dia 10 (2^a F) - Show humorista de José Vasconcelos.

8) Setembro de 1970



a) Dia 18 (6^a F) - Show de Jô Soares (inicialmente marcado para o dia 16 Set - adiado devido acidente na Via Dutra, congestionamento).



b) Dia 26 (Sab) - Dia do Cadete – formatura, apresentações folclóricas de equipe do Paraná e presença da Miss Curitiba – Baile com Conjunto da SAM.

c) Dia 29 (3^a F) - Final I Festival de Música Acadêmica - 1^o lugar: “O Computador”:

Letra – Cadete Jesus da nossa turma, 2^o Ano da AMAN.

Música – Cadete Geraldo da nossa turma, 2^o Ano da AMAN.

Cantor – Cadete Von Held, da turma seguinte (Aspirante de 1973).

Canção - Existe em nossas vidas/Um profundo sentimento/ Que por muito que se esforce/Não cabe em nenhum invento/Vejo a máquina que pensa/ Com enorme precisão/Mas existe a diferença/Ela não tem coração/Ela não tem coração/Ao computador veloz/Forneço a programação/Em diagramas e traços/Procuo uma solução/Nas grandes operações/E nos cálculos gerais/Em busca das emoções/Não as encontro jamais/Explodem no pensamento/As emoções incontidas/Explode o computador/Em sons e luzes coloridas/Por não ser quente e humano/O triste computador/Que resolve mil problemas/Não pode sentir amor/Não pode sentir amor.

9) Outubro de 1970

a) Dia 05 (2ª F) até o dia 09 (6ª F) - Manobrão Acadêmico, realizado na região de Quatis – Alguns calouros foram selecionados para participar junto às suas futuras Armas/Quadros/Serviços.

b) Dia 19 (2ª F) até o dia 23 (6ª F) – Estágio de Contraguerrilha e Patrulhas – 1ª Turma - sob a coordenação da SIESP

c) Dia 27 (3ª F) até o dia 29 (5ª F) - Execução da Pista Rondon (2 vezes) – valendo grau.

10) Novembro de 1970

a) Dia 14 (Sab) - Churrasco no Parque – despedida do Curso Básico.

b) Dia 19 (5ª F) - Entrega pela Seção Psicotécnica de documento reservado, individual, com a sugestão preferencial das Armas/Quadros/Serviços.

c) Dia 25 (4ª F) e dia 26 (5ª F) - Preenchimento pelos calouros e entrega do cartão reservado com a “peruação” (escolha) individual das Armas/Quadros/Serviços.

d. Terceiro ano da AMAN – 1971

1) Fevereiro de 1971

Dia 26 (6ª F) - Cerimônia de entrega dos cadetes pelo Curso Básico às respectivas Armas/Quadros/Serviços (no cinema, devido ao mau tempo).

2) Abril de 1971



a) Dia 06 (3ª F) - Show Claudete Soares e

Pedrinho Mattar.

b) Dia 10 (Sab) até o dia 25 (Dom) – Olimpíada Acadêmica.

c) Dia 30 (6ª F) - Tiro do Recruta para o 3º Ano do Curso de Artilharia - Faz da Barragem.

3) Maio de 1971

a) Dia 17 (2ª F) até o dia 21 (6ª F) – Estágio de Guerra Revolucionária, sob a coordenação da SIESP. Foi realizado na região de Barra Mansa, Volta Redonda, Casa das Pedras, e Queluz, onde foi encerrado com uma Ação Cívico Social (Aciso).

b) Dia 22 (Sab) - Ordem de Marcha no Campo de Parada.

4) Junho de 1971

Dia 01 (3ª F) - 1ª Escola de Fogo do 3º Ano Artilharia, Faz da Barragem.

5) Agosto de 1971



a) Dia 15 (2ª F) - Show de Clara Nunes.

b) Dia 18 (5ª F) - Acidente fatal com o Cadete Galdino, do 3º Ano, durante Exercício do Curso de Artilharia, de Contraguerrilha.

c) Dia 23 (2ª F) - Curiosidade: Avisos do Coronel Albano, Cmt CC, na formatura matinal do Corpo de Cadetes:

- Cadetes com média abaixo de 4,0, sem licenciamento nos finais de semana;

- Patrulhas de oficiais para fiscalizar comportamentos de cadetes nos bailes;

- Cadetes que irão ao Rio para torcer (NAVAMAER) viajarão de azulão;

- Após o desfile de 07 de setembro no Rio de Janeiro, todos, inclusive os cariocas, deverão retornar à AMAN, para depois serem liberados;

- Quem contrair doença venérea, será punido e indenizará o tratamento.

6) Setembro de 1971



Dia 22 (4ª F) - Show “Fica Combinado Assim”: Peri Ribeiro, Renata Lu, Agildo Ribeiro e Pedrinho Mattar.

7) Novembro de 1971

a) Dia 06 (Sab) até o dia 11 (5ª F) – Manobrão Acadêmico.



b) Dia 22 (2ª F) - Show do Costinha (O Curso de Artilharia não compareceu ao Show por estar realizando festa de confraternização na Fazenda da Barragem. Esse evento foi prejudicado devido à chuva incessante. Neste dia, houve um show do recalque dos cadetes de Artilharia, com críticas exageradas aos oficiais, o que acarretou algumas turbulências).

e. Quarto ano da AMAN – 1972

1) Fevereiro de 1972

a) Dia 23 (4ª F) - Apresentação na AMAN por término de férias escolares.

b) Dia 24 (5ª F) - 1ª Reunião com o Comandante do CC, Cel Albano, no cinema. Recomendações gerais sobre trotes, hierarquia e boas-vindas.

c) Dia 25 (6ª F) - 1º brado do novo 4º ano na Academia: “Atenção bicharada, calourada e afins, faltam 294 dias para o nosso Aspirantado. Bicharada c., calourada ralé”.

d) Dia 28 (2ª F) - Primeiras aulas do ano: Português com Coronel Floriano e Coronel Miguel; e Psicologia com Coronel Rosadas.

2) Março de 1972



a) Dia 17 (6ª F) - 1ª Escola de Fogo do 4º Ano de Artilharia: Tiro de Acordo – realizado na Membeca.

b) Dia 25 (Sab) - Parques inundados devido rompimento de adutora. Obs: Trabalho árduo para limpeza do material danificado nos Parques. Folga de final de semana prejudicada. Houve falta de água.

3) Abril de 1972

Dia 23 (Dom) - Início das Olimpíadas Acadêmicas. Formatura (próximo horário do almoço) do Corpo de Cadetes para o Chefe do Estado-Maior do Exército da Venezuela – doação do busto Simon Bolívar. Obs: Formatura exageradamente longa, muito calor, muitos desmaios

4) Maio de 1972

Dia 31 (4ª F) - Exame habilitação para motorista na AMAN.

5) Junho de 1972

Dia 17 (Sab) – Festa do Dia da Artilharia - exposição de material, demonstração, almoço festivo e baile. Faltam 181 dias para o Aspirantado.

6) Julho de 1972

a) Dia 08 (Sab) até o dia 23 (Dom) – Férias escolares. Na última semana de férias foi realizada uma excursão da Sociedade Acadêmica Militar (SAM) para Porto Alegre/RS.

b) Dia 31 (2ª F) até o dia 03 Ago (5ª F) - 1ª Turma (Infantaria, Comunicações e Material Bélico) no SIESP (Fuga e evasão).

7) Agosto de 1972

a) Dia 12 (Sab) - Último concurso Ordem Unida na AMAN, para o 4º Ano.

b) Dia 15 (3ª F) até o dia 17 (5ª F) - Exercício de Contraguerrilha para a Artilharia. No retorno, missa no Parque em memória do falecido Cadete Galdino (Em 18 de agosto de 1972 faria um ano de sua morte).



c) Dia 28 (2ª F) até o dia 31 (5ª F) – Estágio de Fuga e Evasão - 2ª Turma - (Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Intendência), sob a coordenação da SIESP.

c) Dia 31 (5ª F) – Faltam 107 dias para o Aspirantado.

8) Setembro de 1972

a) Dia 07 (5ª F) - Sesquicentenário da Independência. O 4º ano desfila em Resende; os demais em São Paulo. Faltam 100 dias para o Aspirantado.

b) Dia 11 (2ª F) - Fotos para Carteira de Identidade de Aspirante (túnica verde) e para a Revista da Turma (azulão). Faltam 96 dias para o Aspirantado.

c) Dia 15 (6ª F) - Escola de Fogo da Artilharia no Arnaldo: Tiro Vertical. À noite, confraternização em churrascaria da cidade.

d) Dia 25 (5ª F) - Identificação no S/1 do Corpo de Cadetes para a Carteira de Identidade de Aspirante Faltam 82 dias para o Aspirantado.

9) Outubro de 1972

a) Dia 02 (2ª F) até o dia 05 (5ª F) - Estágio do 4º Ano de Artilharia no Grupo Escola de Artilharia (GESA), no Rio de Janeiro/RJ.

b) Dia 09 (2ª F) – Muitos Cadetes do 4º Ano compraram carro, Fusca 0 km, na Empresa Auto Modelo, do Rio de Janeiro/RJ. Neste dia foram entregues os contratos para aquisição do veículo. Curiosidade: (exemplo de condições de financiamento para Cadete): Entrada: Cr\$ 3.276,26 (em 2 vezes); total a financiar: Cr\$13.089,02 (30 x Cr\$ 620,00); Multiplicador: 0,4726; Preço do carro: Cr\$16.361,28. (moeda: cruzeiros).

c) Dia 27 (5ª F) até o dia 31 (2ª F) - Último manobrão na Academia. Houve muitas baixas devido ao calor.

10) Novembro de 1972

a) Dia 15 (4ª F) - Feriado e recebimento dos convites para o Aspirantado.



b) Dia 20 (2ª F) - Show de Eliana Pittman.

c) Dia 22 (4ª F) - Apresentação no cinema das palestras dos cadetes do 4º ano selecionadas pela Cadeira de Português. O Cadete Moreira, de Infantaria se sobressaiu. O Cadete Arakaki foi selecionado com o tema: Japão. O Comandante da AMAN, o General Fragomeni participou do evento.

d) Dia 25 (Sab) - Formatura no PTM: encerramento do ano letivo. Início dos exames finais.

e) Dia 27 (2ª F) – Escolhas de Armas/Quadros/Serviços pelos cadetes do 2º ano. Curiosidade: A Artilharia foi a primeira a fechar. Conclusão: influência do Curso de Artilharia liderados pelos integrantes da nossa Turma.

f) Dia 28 (3ª F) - Divulgada as OM e vagas para escolha pelo 4º ano.

11) Dezembro de 1972

a) Dia 06 (4ª F) - Fim dos exames

b) Dia 09 (Sab) - Última escala de serviço do 4º ano na Academia.

c) Dia 12 (3ª F) - Formatura para uma comitiva de cadetes argentinos (tivemos que ensaiar e cantar o Hino deles). Início dos treinamentos para a cerimônia do Aspirantado (treinamento para a devolução do espadim).

d) Dia 13 (4ª F) - À tarde, divulgação da classificação final nos cursos.

e) Dia 14 (5ª F) - Escolha e definição das OM de destino (Artilharia foi na sala A 102. Confirmada a publicação em BI da promoção a Aspirante a Oficial.

f) Dia 16 (Dom) - Enfim, Aspirantes!!

(1) Primeiro evento, entrega do espadim. Frase proferida:



"PARA QUE NOVOS CADETES O EMPUNHEM E, COM A CONVICÇÃO DE TÊ-LO DIGNIFICADO, RESTITUO O SABRE DE CAXIAS, SÍMBOLO DA HONRA MILITAR"

(2) Segundo evento, recebimento da espada de oficial



(3) Como epílogo, uma canção recente, porém sugestiva:

“Este ano quero paz no meu coração/Quem quiser ter um amigo, que me dê a mão/O tempo passa e com ele caminhamos todos juntos sem parar/Nossos passos pelo chão vão ficar/Marcas do que se foi, sonhos que vamos ter/Como todo dia nasce, novo em cada amanhecer”

(Autor: Zurana – Canta: The Fevers)

f. Apreciação

Caros leitores, o texto acima – reminiscências acadêmicas – está sendo publicado por ser o único relato histórico do dia a dia de um cadete da AMAN, no caso, da Turma Marechal Mascarenhas de Moraes, nossa turma.

Esse histórico é um resumo do diário de um cadete, que registrou em quatro cadernos, com duzentas folhas cada um.

Como foi dito no início do texto, pede-se desculpas pelo histórico se basear nas anotações de um cadete que pertenceu à 2ª Cia no primeiro ano da AMAN; a 6ª Cia no segundo ano e escolheu a Arma de Artilharia.

Esse diário é uma preciosidade. O dono do mesmo é o primeiro oficial de Artilharia de origem nipônica do EB e autor deste livreto – o Arakaki.

3. GALERIA DE FOTOS

a. Curso Básico



Foto 01



Foto 02



Foto 03



Foto 04

b. Curso de Infantaria



Foto 05



Foto 06

c. Curso de Cavalaria



Foto 07



Foto 08

d. Curso de Artilharia



Foto 09



Foto 10

e. Curso de Engenharia



Foto 11



Foto 12

f. Curso de Comunicações



Foto 13

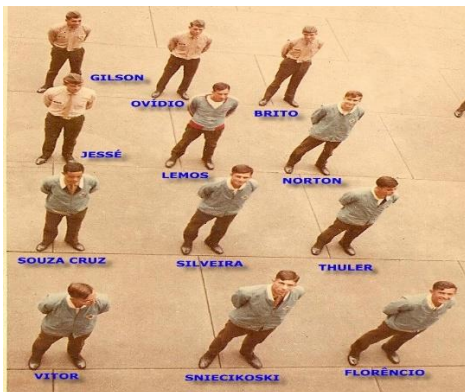


Foto 14

g. Curso de Intendência



Foto 15



Foto 16

h. Curso de Material Bélico



Foto 17

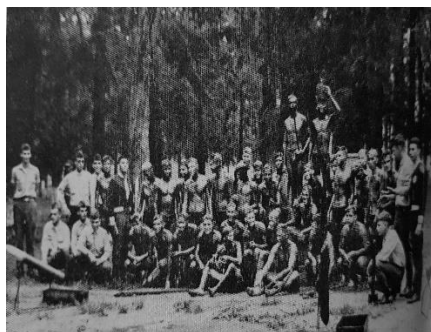


Foto 18

i. Legenda

1) **Foto 01** – Cortesia: Florêncio – 3ª Cia, 1969. De pé: Lancellotti, Chibinski, Torres, Eli, Peixoto. Agachados: Glória Neto, Ovídio e Florêncio.

2) **Foto 02** – Cortesia: Arakaki - Apto 128, 2ª Cia, 1969. De pé: Arakaki, Fabiano (desligado), Dias Costa, Lerí, Cândido. Sentados: Lamas, Carneiro Borges, Silva, Cunha, Gilson, Barra e Florassú.

3) **Foto 03** – Cortesia: Arakaki – Olimpíada Acadêmica – 6ª Cia, 1970.

4) **Foto 04** – Cortesia: Hélio Cossa – Equipe Futebol – 5ª Cia, 1970.

5) **Foto 05** – Cortesia: Sirval – Curso de Infantaria

6) **Foto 06** – Cortesia: Saint-Clair – Equipe de “pelada”.

7) **Foto 07** – Cortesia: Ivan Cosme – Exercício em Campanha, C Cav. De pé: Angonesi, Rabuske, Ivan Cosme, Baciuk, Daniel, Martinelli, Guerra. Agachados: Mendes, Carvalho, Reis e Salvani.

8) **Foto 08** – Cortesia: Ivan Cosme – Dia da Cavalaria, 1972. De pé: Domingues. Sentados: Ivan Cosme e outros.

9) **Foto 09** – Cortesia: Caon – Manobrão, 1971 – Theóphilo, Caon, Mayer, Roldão, Virgílio, Régis e Eloi (agachado).

10) **Foto 10** – Cortesia: Arakaki – Curso de Artilharia, 1971.

11) **Foto 11** – Cortesia: Hélio Cossa – Curso de Engenharia no Parque.

12) **Foto 12** – Cortesia: Hélio Cossa – Cláudio, Bianchini, Hélio Cossa, Tácola Neto, Chibinski, Fernandes, Menezes, Mourão, outros.

13) **Foto 13** – Cortesia: Florêncio – Curso de Comunicações no Parque - De pé: Lancellotti, Souza Cruz, Louvera, Vitor, Barra, Felix, Araki, Silveira, Moura, Neves, Sniecikoski, Pedreira, Gilson. Agachados: Otto, Thuller, Florêncio, Brito, Maciel Monteiro, Reguse, Gastão.

14) **Foto 14** – Cortesia: Florêncio – Formatura P3M – Vitor, Sniecikoski, Florêncio, Souza Cruz, Silveira, Thuller, Jessé, Lemos, Norton, Gilson. Ovídio, Brito.

15) **foto 15** – Cortesia: Primo/Magno – Equipe de futebol.

16) **Foto 16** – Cortesia: Primo/Magno - De pé: Moraes, Paulo Lopes, Cereigido, Solis, Fazza. Acachados: Bismark, Primo, Aurélio, Odilon. Sentados: Magalhães, Menin.

17) **Foto 17** – Cortesia: Pimentel - De pé, na primeira linha, da esquerda para a direita: Marques, Letra, Yoshihiro, Ailto, Bohlen, Sílvio, Paulo,

Fontenele, Capellano, Fayad, Honório. Na linha seguinte, sentados sobre a VTR, da esquerda pra direita: Chaves, Machado, Pimentel, Derré Torres, Roxo e Tarnowski. De pé: Ramacciotti e Ribeiro Souto. No último grupo, de pé, da esquerda pra direita: Sérgio, Carneiro, Boschetti, Flávio e Barbosa. Agachado: Dutra.

18) **Foto 18** – Cortesia: Pimentel – Banho de óleo.

Observação: As fotos dos artistas publicadas no texto acima - Reminiscências Acadêmicas - foram retiradas do Google.

CAPÍTULO 03

A FAMÍLIA, A TURMA

1. A FAMÍLIA



Sergio D. **BONATO** (Art) (autor do livreto)



a. As Esposas

“Cem homens podem formar um acampamento, mas é preciso uma mulher para se fazer um lar” (provérbio chinês)

Não poderíamos olvidar daquelas que ombreamos conosco durante esse meio século que estamos comemorando – nossas queridas esposas.

Para nós militares, em face das características de nossa profissão, somente mulheres especiais se sujeitariam a uma vida de sacrifícios, incertezas e desafios. Sempre ao nosso lado, nos acompanharam nas mais distantes guarnições. Enquanto íamos, diariamente, para o quartel, elas ficavam em casa cuidando do lar e da educação de nossos filhos e muitas ainda saíam para trabalhar.

Em homenagem a elas vamos apresentar duas histórias e uma narrativa:

1) **Lei Opia – Roma Antiga**

Para que Roma pudesse guerrear e, se possível, derrotar os Cartagineses teria que aumentar seu poderio militar. Para isso era necessário comprar Material Bélico e contratar mercenários. Essa vitória sobre os Cartagineses proporcionaria a Roma estender seu domínio pelo resto do mundo. Assim, foi necessário esforço de todos os romanos. Cada um tinha que dar sua contribuição, inclusive as mulheres, daí a Lei Opia.

Essa Lei foi sancionada no transcorrer da II Guerra Púnica (218 - 201 AC). Ela impunha uma série de restrições às mulheres romanas:

- Não podiam ter posse de riquezas, como anéis de brilhante;
- Não podiam vestir trajes de tecidos ou cores vistosas, como vestidos de púrpura e outras ostentações; e
- Não podiam circular em Roma em viaturas atreladas, entre outras arbitrariedades.

A guerra terminou, com a vitória romana. Roma estendeu seus domínios pelo Mediterrâneo.

O tempo passou. O Império enriqueceu. Mas, a Lei Opia não foi revogada.

Durante o debate no Senado sobre essa Lei, as mulheres saíram às ruas em protesto, exigindo que seus homens fossem até o tribunal para discutirem a proposta, onde eles também poderiam participar do debate, uma vez que elas não tinham acesso direto ao Senado.

O debate ficou acirrado. De um lado sua manutenção passou a ser defendida por diversos moralistas como o cônsul Marcus Catão, que via na liberdade feminina sinal de decadência dos costumes.

Do outro, um orador chamado Lúcio Valério, subiu à Tribuna para defender a revogação da lei. Ele disse: “Para as esposas dos militares não podia ser concedido nem magistratura, nem triunfos, nem insígnias, nem promoções, nem recompensa, nem butim. E, que as joias, as tinturas (maquiagem) e os vestidos de púrpura eram as insígnias delas. Isso é o que fazia suas alegrias e suas glórias e era o que nossos ancestrais chamavam de elegância feminina”. Com essas palavras a Lei Opia foi revogada.

Trazendo esta história para a realidade de militar do Exército Brasileiro, pode-se afirmar que a Lei Opia de cada um de nós da Turma MMM, foi revogada quando nossos filhos foram encaminhados e adquirimos certa estabilidade econômica em final de carreira na ativa. Certamente, as esposas foram gratas e até hoje estão comemorando com suas metralhadoras – o cartão de crédito.

2) O Batom e os Militares

Os indícios mais remotos do uso de algo para pigmentar os lábios são encontrados no Antigo Egito, em 3000 AC. Tratava-se de uma substância natural denominada “púrpura Tyr”, usada pelas mulheres das altas classes sociais, a qual era capaz de realçar significativamente a cor dos lábios.

Algum tempo depois, também na civilização dos faraós, foi criada a pigmentação vermelha, obtida a partir do óxido de ferro.

Durante vários séculos, usar algo para colorir os lábios foi um sinônimo de sensualidade e más intenções.

Na Grécia, durante o século II AD, foi criada uma lei que proibia as mulheres de utilizar pigmentações na boca antes do casamento.

Muito tempo depois, em 1770, a Inglaterra acabou proibindo de vez tal prática. A explicação era simples: moças que coloriam os lábios tinham um grande poder de sedução capaz de enganar os homens.

Durante a II Guerra Mundial, as fábricas foram requisitadas para produzirem artefatos para a guerra. Particularmente, o maquinário das fábricas de batom foi adaptado para fabricar munição de fuzil. Quando terminou a guerra, essas fábricas passaram a utilizar as mesmas máquinas que produziam o cilindro de metal (estojos da munição) para produzir os invólucros cilíndricos de batom. Daí a semelhança do formato da embalagem



do batom com uma bala de fuzil.

A partir dessa época o batom começou a ser vendido embalado num tubo cilíndrico que perdura até hoje, ocupando seu lugar cativo na lista de objetos indispensáveis das mulheres de todas as classes sociais e é vendido em cartucho pelo mundo inteiro.

O formato do invólucro do batom semelhante à munição militar e seu uso diário aplicado aos lábios das mulheres deu origem a um mito cotidiano onde se diz que é por essas semelhanças que **“os militares estão sempre na boca das mulheres”**.

3) Por que elas são tão especiais

Observemos uma citação do Rabino Chelbo, proferida no século IV AD: *“Cuida-te quando fazes chorar uma mulher, pois Deus conta as suas lágrimas. A mulher foi feita da costela do homem, não dos pés para ser pisada, nem da cabeça para ser superior, mas sim do lado para ser igual, debaixo do braço, para ser protegida e do lado do coração, para ser amada.”*

(Os três textos acima foram extraídos do livreto “Civilizações Antigas”, autor Bonato)

b. Filhos de Militar

Todo mundo sabe que os filhos de militares têm uma capacidade quase camaleônica de se misturar ao novo meio. Somos geneticamente mimados para gostar de tudo a nossa volta, seja frio, calor, elegância, pobreza, água, seca ou qualquer outra condição física, psicológica, geográfica, climática, financeira, etc...

Para quem está de fora, criticar tudo isso é muito bom, “os pobres coitados dos filhos de militares não têm amigos e nem laços afetivos com lugar nenhum!”. Os fofoqueiros que me desculpem, mas meus laços afetivos são com o Brasil e meus amigos estão espalhados pelo mundo.

Quantas pessoas podem dizer que têm vivência nacional? Aprender sobre a Amazônia no meio da selva, ouvir os dois lados da história e escolher em qual acreditar, ter orgulho de ver seu pai tentar resolver os problemas de outros países. Quantas pessoas podem dizer que seu herói está dentro de casa? E não adianta um civil tentar se comparar com os nossos capitães, sargentos, coronéis, tenentes... Eles nunca vão entender que você se muda sim, mas que dentro da sua casa, onde realmente importa, nada muda.

Os filhos de militares aprendem a amar à distância, a entender o lado bom de tudo, a montar e desmontar uma casa em dois dias, a acolher até quem morou a vida toda na mesma casa, a conservar bons amigos com o carinho, mesmo sem a presença.

A cidade que você mora pode não ser a melhor de todas, pode até ser a pior, mas dentro de casa, lá sim, está o melhor lugar do mundo e os filhos de militares sabem fazer o melhor lugar do mundo em qualquer lugar, não importa aonde você chegue, dentro da casa de um militar sempre haverá um refúgio de carinho e amizade criado pelos nossos laços com o Brasil e pelos nossos amigos espalhados pelo mundo.

Os militares sabem que suas escolhas afetam a vida de suas famílias e sofrem ao ver seus filhos deixando os amigos, namorados e suas casas para trás, mas compensam suas famílias com uma chuva de amor e cultura. Engana-se quem acredita que somos “pobres filhos de militares”. Somos orgulhosos, gratos, felizes, ricos, privilegiados e acima de tudo amados filhos de militares. As casas podem mudar, mas nossos lares são construídos em torno de uma família não de um lugar.

O estilo de vida que meu pai me proporcionou fez de mim quem eu sou hoje, uma aspirante a jornalista com uma bagagem cultural gigante, que pode encher a boca e dizer que viveu e não leu toda essa cultura.

Obrigada, Pai, por escolher ser militar.

(Bárbara Miranda - filha do Estrázulas, já falecido. Publicado na página da turma)

2. A TURMA

a. Página (“site”) da Turma MMM

A idealização de uma página eletrônica “site” para concentrar as informações, os feitos, os cadastros, as estatísticas, as curiosidades e outros aspectos relacionados à Turma, surgiu da mente privilegiada, do dinamismo, do desprendimento e espírito solidário do ÂNGELO (Inf).

Para isso, acionou o CARDOSO (Art/QEM) que, à época, trabalhava no Projeto Centro de Excelência em Educação à Distância, uma parceria entre a Petrobras e a Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que dispunha de um servidor que poderia hospedar a página da

Turma. E assim, fruto do trabalho desse abnegado companheiro, surgiu a primeira versão do “site” em outubro de 1998.

Com o final do Projeto, a página (“site”) passou a ser hospedado gratuitamente no XPG-*Extreme Webhosling*, da OI Internet. Tempos depois hospedou-se na RESENET, sob os cuidados do MULLER (Eng), até o BRITO (Com/QEM), o VB, assumir a gerência da página, em Brasília-DF.

O BRITO (Com/QEM) contratou uma empresa especializada para programar, ilustrar e manter a página. As despesas decorrentes têm sido custeadas, com dificuldades, por contribuição anual voluntária (valor aberto) dos integrantes da Turma. Nesse contexto, é fundamental a participação efetiva de todos, tanto na contribuição financeira, quanto no envio de material para publicação. A página é uma ferramenta valiosa para a integração da Turma e é preciso contínuo aperfeiçoamento para mantê-la agradável, receptiva, inovadora e fonte consistente de cultura e informações de interesse.

Ressalte-se que poucas turmas acadêmicas possuem o privilégio de possuir uma página (“site”) com a qualidade técnica e informativa como a da TU MMM.

O gerente atual da página é o FERNANDES, nobre e entusiasmado Engenheiro. Por oportuno, o endereço para acesso à página é: www.tummm72.com.br.

b. Canção da Tu MMM



Luis Alberto **CORDEIRO DIAS** (Eng)

Canção da TuMMM



1) Histórico

Durante a cerimônia de devolução dos espadins, no dia 16 Dez 72, a banda tocou o dobrado “VELHOS CAMARADAS” que guardei, com muito carinho, na minha memória ao longo da vida.

Em 2012, o ÂNGELO (Inf) publicou fotos de uma reunião da Tu MMM realizada no CMPV e utilizou o jargão “Velhos Camaradas”, para se referir ao grupo reunido. Aquilo provocou em mim uma volta ao passado e veio a ideia de tentar construir uma letra que se adequasse à melodia daquele querido dobrado, executado em um momento tão significativo de nossas vidas e que falasse, de alguma maneira, da nossa turma.

O BASTOS (Eng/QEM) fez uma acertadíssima sugestão para uma das frases, e o FLORÊNCIO (Com) conseguiu que o coral do BPEB, acompanhado pela banda da mesma OM, gravasse a canção e também resolveu um

contratempo com o Facebook por causa de direitos autorais. No final de 2102, o Florêncio produziu e editou o vídeo da canção.

Em 2013, no encontro anual de Natal/RN, foi apresentada à “assembleia” da turma, reunida, uma versão da canção, com legendas da letra, feita pelo então 2º Sargento Carlos Santos, do 7º BECmb.

Foi aprovada por unanimidade e tornou-se a Canção da Tu MMM.

2) Dados da Canção da Tu MMM

- a) Compositor: Carl Teike – 1889, Ulm, Alemanha
- b) Música: “ALTE KAMERADEN” – “VELHOS CAMARADAS”
- c) Arranjo e coral: Batalhão de Polícia do Exército de Brasília (BPEB)
- d) Letra: **CORDEIRO DIAS** (Eng)

Na AMAN chegamos todos juntos/na bagagem nossos ideais/e, durante quatro anos,/fomos aprendendo a ser oficiais/Curso básico e Armas/bem fizeram isso acontecer/e ao nosso ombro/veio a estrela/que fizemos por merecer/No Brasil fomos trilhando, norte a sul/trabalhando sob o imenso céu azul/muito amigos/como irmãos/sempre unidos pela formação.

E o tempo tranquilo foi seguindo/e a turma ao Exército servindo/e depois de muitos anos na caserna, /finalmente, chegou a reserva.

Velhos Camaradas ontem, comungando os mesmos ideais/Velhos Camaradas hoje, todos juntos, somos mesmo iguais/Velhos Camaradas sempre, /com alegria que virá depois/ao lembrar/e recordar/a nossa Turma de Setenta e Dois.

E falar de tudo isso agora, /nos envolve o velho amor de outrora/pela nossa união/que nasce no coração/Essa chama permanece acesa/e mantém a turma bem coesa/E será sempre assim/a nossa história não tem fim!

c. Homenagem aos “Quatro Estrelas” da Turma MMM

O Arakaki (Art) aproveitou a oportunidade para juntar-se aos cinco Generais-de-Exército, “quatro estrelas” da nossa Turma MMM, para uma foto, já publicada na página (“site”) da Turma.



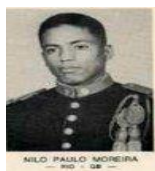
Esta foto foi tirada quando da inauguração das novas instalações do Centro de Doutrina do Exército, no Quartel General do Exército, num dos intervalos da reunião do Alto Comando do Exército.

Cabe-se lembrar, também, que não é comum uma Turma de formação possuir tantos representantes no Alto Comando do EB quanto a nossa.

Por isso, com alegria, se reproduz neste livreto, a foto histórica, através da qual presta-se uma singela homenagem aos nossos “quatro estrelas” – (foto acima, fardados, da esquerda para a direita) Bolivar (Inf), Ferreira (Inf), Silva e Luna (Eng), Benzi (Cav) (ainda na ativa, como Ministro do Superior Tribunal Militar) e Mayer (Art).

Amigos, “quatro estrelas”, somos muitos orgulhosos de vocês.

d. Mais que cinquentona, Imortal!



(Texto do **NILO** Paulo Moreira)



Era 1949, 28 para 29 de outubro. No berçário da antiga maternidade da Casa da Mãe Pobre, no subúrbio carioca do Rocha, estreei numa das inúmeras turmas desta vida mundana. Companheiros daqueles instantes inaugurais de percurso? Confesso ser bem mais fácil gabaritar VC de Exército de Campanha ou DesTec, embora perdue a suspeita de que do alarido geral tivessem ecoados brados de Casaca!!! Cavalaria!!! Será?

Turma é assim mesmo: inesgotável celeiro produtor de mitos, lendas, causos e histórias controversas. Afinal, qualquer aglomerado humano merece ser chamado de turma? A família representa a turma primeva? Existirão turmas e turmas? Sem aprofundar análises, ratifico a última hipótese, porque além de meros enquadramentos semânticos, cada turma de per si - como os seres humanos que lhes animam a existência - possui DNA próprio, Id, Ego, Superego e, por vezes, até CPF e identidade funcional. Dúvidas, prezado leitor? Então desconheces a Turma Marechal Mascarenhas de Moraes, a Turma 72, a Gloriosa, a Pioneira, a Irmandade MMM, a 3M de tantos epítetos marcantes.

Pladeiros semanais, pensadores livres, lunáticos contumazes, plantonistas do boteco da esquina, engenheiros nucleares, pagodeiros, tomadores de chope - e do que mais existir em matéria de patota -, estão umbilicalmente assemelhados por afinidades, caráter associativo fugaz e certa vaidade do acolhimento coletivo, o conhecido sentimento de afiliação dos psicólogos sociais. Todavia existem as Turmas adjetivas, com T maiúsculo,

indestrutíveis como os casórios bem-sucedidos, dia a dia mais raros nestes tempos. Aliás, casamentos são desfeitos; afiliação à Turma, jamais!

Quanto mais longevas, tornam-se verdadeiras famílias alimentadas pelos ingredientes clássicos da *provecta célula mater*: festivais de alegrias, desencontros, reencontros, rusgas passageiras, brigas extemporâneas, discussões genéricas e imperscrutáveis relações afetivas à prova de tempo e distância. Nessa sinergia grupal, determinados aspectos atingem grandeza exponencial, como a solidariedade e o sofrimento conjunto diante da adversidade alheia.

A 72 não é melhor nem pior do que ninguém, mas nas suas diferenças intrínsecas construiu renome que a eleva, honra e consola. Há pouco, sem alarde ou comemoração efusiva completou meio centenário de existência, cinco décadas pontilhadas de realizações que espelham as trajetórias dos cadetes declarados Aspirantes na longínqua manhã ensolarada do sábado, 16 de dezembro de 1972. Os desafios lançados àquela geração na antessala do Oficialato, hoje sobrevivem em ternas recordações de pessoas, lugares e circunstâncias a acalantar parcialmente os encontros mensais, as reuniões anuais, os contatos informais entre camaradas encanecidos.

Provavelmente, daqui a cinquenta anos não restará integrante da Turma para contar história. Nenhum problema. Descendentes diretos, resquícios imagéticos, relatos manuscritos e registros virtuais darão conta do recado na ausência de joviais setentões de agora. Fruto da memória coletiva e de influxos cósmicos dos já residentes nos Campos Elíseos celestiais, entre os quais um dos maiores responsáveis pela criação e aperfeiçoamento dos seus canais de comunicação interna – o Velho Brito – continua-se a pelejar na senda espiritual da T3M.

Poetas e filósofos de ofício talvez menosprezem a associação conceitual, mas se tudo vale a pena quando a alma não é pequena – e a da Turma 72 é gigantesca -, eu me encorajo a dizer:

Mais que cinquentona, imortal!

Capítulo 04

“Nossas boas lembranças são como jardins, como todos os jardins que a gente revê após muitos anos, eles parecem bem menores do que ficou gravado em nossa memória”.

ENCONTROS DA Tu MMM

1. ENCONTROS NA AMAN

Os Encontros na AMAN, são de caráter oficial, que se sucederam espaçados de 10 (dez) anos após o Aspirantado. A partir do 3º Encontro, os espaços passaram a ser de 5 (cinco) anos.

Os 2 (dois) primeiros Encontros foram organizados e coordenados pelo PEREIRA GOMES (Inf), então o motor propulsor desses eventos.

Sucedeu-o o notável ÂNGELO (Inf), que passou a ser o baluarte na organização, articulação e condução desses Encontros. Sob a sua batuta, algumas inovações ocorreram nos aspectos relacionados à designação do orador da Turma e à escolha para o descerramento da placa comemorativa, em detrimento da costumeira responsabilidade atribuída ao mais antigo presente.

As atividades desses Encontros, normalmente, aconteceram em uma programação de 2 (dois) dias. No primeiro, à noite, uma reunião festiva, no CIMAN, constando de jantar, entrega de camisetas e crachás e muita camaradagem descontraída associada às emoções pelo reencontro de velhos amigos “velhos”.

O segundo dia iniciava com missa na capela da Vila Militar, seguidas das atividades protocolares no Conjunto Principal (cerimônia no cinema acadêmico, foto, descerramento de placa, visitação, almoço etc).

Ao final, quando dos preparativos para o retorno aos respectivos destinos de origem, sobrevinha aquela inevitável sensação de contentamento, saudade e o desejo ansioso pelo próximo Encontro.

• 1982 - 10 anos •

Cmt AMAN: Gen Bda RAMIRO MONTEIRO DE CASTRO

Placa:

**APÓS DEZ ANOS, AQUI VOLTAMOS, PARA ATRAVÉS DESTA PLACA
INAPAGÁVEL, REAFIRMAMOS NOSSO JURAMENTO DE BEM SERVIR
AO NOSSO QUERIDO BRASIL.**

16 DEZ 82

TURMA MARECHAL MASCARENHAS DE MORAES

• 1992 - 20 anos •

Cmt AMAN: Gen Bda RAMIRO MONTEIRO DE CASTRO

Placa:

**HOJE, APÓS VINTE ANOS, REAFIRMAMOS NOSSO SAGRADO
COMPROMISSO DE BEM SERVIR AO NOSSO QUERIDO BRASIL.
TURMA MAR. MASCARENHAS DE MORAES**

16 DEZ 72

16 DEZ 92



Foto AMAN 1992 – Cortesia: Florêncio

• 2002 - 30 anos •

Data: 29 e 30 de novembro

Cmt AMAN: Gen Bda REINALDO CAYRES MINATI

Placa: Descerramento: PÉCORA (Eng) – o mais “vivido” presente.

Curiosidade: Salto de paraquedistas, antecedendo as atividades no Conjunto Principal, com a participação do THEOPHILO (Art) e PERES (Art).

**TURMA MARECHAL MASCARENHAS DE MORAES
TRINTA ANOS!
TEMPO DE RECORDAR HISTÓRIAS, AMIZADES, PESSOAS E DE
REAFIRMAR OS IDEAIS E CONVICÇÕES DOS
ASPIRANTES DE 16 DEZ 72.
AMAN, 16 DEZ 2002**



Foto AMAN 2002 – 30 NOV 02 – Cortesia: Florêncio

▪ **2007 - 35 anos** ▪

Data: 7 e 8 de dezembro (8 DEZ - data escolhida por coincidir com a comemoração da Padroeira do Exército, Nossa Senhora da Conceição)

Cmt AMAN: Gen Bda GERSON MENANDRO GARCIA DE FREITAS

Orador: BOLIVAR (Inf)

Placa: Descerramento: GUERREIRO (Inf) – escolhido por ter comentado o desejo de mostrar ao filho a camaradagem e outros atributos militares.

**“ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
TURMA MARECHAL MASCARENHAS DE MORAES
TRINTA E CINCO ANOS! PRESENTES PARA REAFIRMAR O AMOR À
FAMÍLIA QUE FORMAMOS, A CAMARADAGEM QUE PRESERVAMOS
E A PRONTIDÃO PARA DEFENDER O BRASIL, VALORES
PERMANENTES DOS ASPIRANTES DE 16 DEZ 1972”**



Foto AMAN 2007 – 8 DEZ 07 – Cortesia: Florêncio

• 2012 - 40 anos •

Data: 14 e 15 de dezembro

Cmt AMAN: Gen Bda JÚLIO CESAR DE ARRUDA

Orador: FERREIRA (Inf)

Placa: Descerramento: RODRIGUES (Inf) – merecida reverência do ÂNGELO àquele que, em dramática intervenção, socorreu-o e salvou a sua vida quando de queda na Pista de Pentatlo Militar.

Curiosidade: presentes 216 integrantes da Turma (com familiares, somou mais de 450 pessoas). Recorde absoluto na história acadêmica para reuniões dos 40 anos do Aspirantado.

“QUARENTA ANOS PRESENTES! COM CONVICÇÕES DOS IDEALISTAS, A FORÇA MORAL DOS HOMENS DE BEM, A LIBERDADE DA MATURIDADE, A CERTEZA DO VALOR DA FAMÍLIA E A ALEGRIA DA PERMANENTE UNIÃO DOS ASPIRANTES DE 16 DEZ 1972”



Foto AMAN 2012 – 15 DEZ 12 – Cortesia: Florêncio

• 2017 - 45 anos •

Data: 11 a 16 de dezembro

Cmt AMAN: Gen Div RICARDO AUGUSTO FERREIRA COSTA NEVES

Orador: AYRTON (Inf) – escolha inovadora, agradou pela alocução criativa e descontraída.

Placa: Descerramento – MORATA (Inf), NOGUEIRA (Art) e PERES (Eng)

**“TURMA MARECHAL MASCARENHAS DE MORAES
QUARENTA E CINCO ANOS!
ORGULHOSOS DO QUE CONSTRUÍMOS,
FELIZES PELOS EXEMPLOS DEIXADOS,
CONFIANTES NO FUTURO DO EXÉRCITO E
MANTENDO A DEDICAÇÃO À PÁTRIA,
REAFIRMAMOS HOJE O COMPROMISSO DO
ASPIRANTE A OFICIAL DE 16 DEZ 72.”**

Ao ensejo da oportunidade e fruto da idealização do BRITO (Com/QEM) e SIMÕES JÚNIOR (Inf), decidiu-se pela realização de um Pré-Encontro no Rio de Janeiro, em dias que antecederam a Reunião AMAN 45 anos, ampliando-se a convivência festiva entre os integrantes da Turma.

Tomou-se como base a Sede Lagoa do Clube Militar. Nesse mister, cabe destacar o apoio do IVAN COSME (Cav) para a disponibilização das dependências do Clube.

Sob a batuta vigorosa e competente do NILO (Cav), respaldado por sugestões do ÂNGELO (Inf) e do ARRUDA (Inf), planejou-se e consumou-se uma programação intensiva de 4 (quatro) dias:

11 DEZ 17 (noite): coquetel de recepção em restaurante do Clube.

12 DEZ 17: Tour Barra da Tijuca e Recreio, incluindo visita ao Parque Olímpico, com o apoio inestimável do BERNARDES (Cav) e parada no quiosque dos paraquedistas, com a cortesia do frenético PERES (Art) e almoço no Barrashopping.

13 DEZ 17: Visita ao Forte São João, incluindo o Centro de Capacitação Física do Exército (CCFEx), e almoço no Clube Militar da Praia Vermelha (CMPV). Jantar dançante, com música ao vivo, na boate Sede Lagoa.

Curiosidade: 81 (oitenta e um) participantes.

14 DEZ 17: Passeio de VLT para visita ao AquaRio, Boulevard Olímpico e Museu do Amanhã. (noite): encontro no Little Club, Beco das Garrafas – Copacabana, e o privilégio de assistir às apresentações do BARROSO (Art) no piano (autodidata), do FRAZÃO (Cav) e familiares (harmonia pura) e do MÁRIO (Int), em declamação digna da cultura nordestina.

15 DEZ 17: Deslocamento para a AMAN



Clube do Exército – Rio/RJ – 11 DEZ 17 – Cortesia: Ângelo



Foto AMAN 2017 – 16 DEZ 17 – Cortesia: Florêncio

2. ENCONTROS NACIONAIS

● 2008 ●

Local: **Salvador -BA**

Data: 29 de novembro

Local do Encontro: Churrascaria Sal e Brasa (foi o início da parceria!)

Participantes: 18 (dezoito) acompanhados pelas esposas



Foto Salvador-BA – 2008 – Cortesia: Ângelo

Curiosidades: A iniciativa partiu do intrépido CID (Inf), que convidou vários companheiros da Turma de todos os rincões do País, e tinha como motivação comemorar o aniversário do FERREIRA (Inf), então Comandante da 6ª RM, Guarnição de Salvador-BA.

Essa reunião foi o estopim que deflagrou a série de Encontros Anuais da Turma. E como isso aconteceu? Segundo relato do THEOPHILO (Art), um dos participantes do evento, a ideia surgiu durante uma conversa em roda dos companheiros presentes.

Esse Artilheiro de escol imediatamente se propôs a organizar o Encontro do ano seguinte em sua cidade, Fortaleza-CE, e assim foi feito. Abençoados CID (Inf), THEOPHILO (Art) e FERREIRA (inf)!

● 2009 ●

Local: **Fortaleza-CE**

Data: 20 e 21 de novembro

Programação:

- 20 NOV: Jantar de recepção no Clube Ideal
- 21 NOV: - Almoço na Churrascaria Sal e Brasa (ela aí de novo!)
 - Jantar, com show de humor, na Casa Lupus Bier

Hotéis propostos: Hotel Vela e Mar e Samburá Praia Hotel, ambos na Praia de Mucuripe

Gestores: THEOPHILO (Art), STUDART (Inf), ALVARENGA (Inf), ASSIS (Inf), HAROLDO (Inf) e SALVANY (Cav)

Observação: - O efetivo presente excedeu consideravelmente o previsto.

- A organização e os procedimentos adotados serviram de modelo para os futuros Encontros.



Foto Fortaleza-CE 2009 – Cortesia: Florêncio

Observação: Para consolidação dos Encontros anuais que se seguiram, é importante destacar a participação do incansável BRITO (Com/QEM), persistente e persuasivo nas negociações e no apoio, essenciais para a integração da Turma MMM.

• 2010 •

Local: **Porto Alegre-RS**

Data: 19 e 20 de novembro

Programação:

- 19 NOV: Jantar de recepção no Círculo Militar de Porto Alegre (presença do BENZI (Cav), então Cmt 3ª RM)

- 20 NOV: Passeio à Canelas-RS e Gramado-RS

- Almoço na Churrascaria Garfo e Bombacha (Canelas-RS)

- (noite): show na Lagoa Negra (Paraíso das Águas)

Hotel proposto: Hotel Continental, na Praça Otávio Rocha, POA-RS

Gestores: BENFATO (Inf), CAON (Art), GLÓRIA NETO (Inf), ROLDÃO (Art), MUNRÓ (Inf) e AZAMBUJA (Inf)



Foto Porto Alegre-RS 2010 – Cortesia: Florêncio

• 2011 •

Cruzeiro Marítimo: Encontro Sobre as Ondas – Transatlântico Costa Fortuna

Data: 22 de janeiro a 1º de fevereiro de 2012 (ocorreu em 2012, mas é registrado como 2011)

Programação:

- 22 e 23 JAN: Embarque em Santos-SP e Rio-RJ
- 26 JAN: Buenos Aires-ARG
- 28 JAN: Punta Del Este-URU – Montevideo (opcional)
- 30 JAN: Retorno – parada em Porto Belo-SC
- 31 JAN e 1º FEV – Desembarque em Santos-SP e Rio-RJ

Gestores: FLORÊNCIO (Com), VIRGÍLIO (Art), SIMÕES JUNIOR (Inf), NESTOR (Cav) e BRITO (Com/QEM). Foi delegada à agência Interlines Turismo, Brasília-DF, as inscrições e a coordenação das atividades do passeio.



Foto Encontro Sobre as Ondas 2011 – Cortesia: Florêncio

• 2013 •

Local: **Natal-RN**

Data: 21 a 23 de novembro

Programação:

- 21 NOV: Jantar de recepção na Churrascaria Sal e Brasa (mais uma vez!)

- 22 NOV: Passeio de buggy pelo Litoral Norte (Lagoa Pitangui)

- 23 NOV: - Almoço no Restaurante Barramares, Praia do Cotovelo

- Jantar de despedida no 7º BECmb (na ocasião, foi aprovada, por aclamação, a Canção da Turma, adaptação pelo CORDEIRO DIAS da letra da Canção Velhos Camaradas)

Participantes: 91 integrantes da Turma. Total: 177 pessoas

Gestores: MOURÃO (Eng), RÉGIS (Art), SIDENEI (Inf) e SOUZA (Eng)



Foto Natal-RN 2013 – Cortesia: Florêncio

• 2014 •

Local: **Florianópolis-SC**

Data: 4 a 6 de dezembro

Programação:

- 4 DEZ: Jantar de recepção no hotel (resort)

- 5 DEZ: - Passeio a Nova Trento-SC e Brusque-SC ou
- Passeio Escuna Pirata (opcional)

- 6 DEZ: Jantar de despedida no hotel (resort) (marcante o canto inesperado do Hino Nacional por todos os presentes)

Hotéis propostos: Il Campanário Resort (Jurerê Internacional) e Mar de Canasvieiras (opcional)

Participantes: 70 integrantes da Turma. Total: 136 pessoas

Gestores: REGUSE (Com), CLÉRIO (Inf), MICELLI (Cav) e VENTURA (Inf)



Foto Florianópolis-SC 2014 – Cortesia: Florêncio

● 2015 ●

Local: **Porto de Galinhas-PE**

Data: 2 a 5 de dezembro

Programação:

- 3 DEZ: Jantar de recepção no hotel

- 4 DEZ: Livre

- 5 DEZ: (noite): Despedida no hotel – troca de presentes (amigo oculto)

coordenado pelo LOBO (Inf) – confraternização dançante na boate do hotel

Hotel proposto: Summerville Resort Beach

Gestores: as inscrições e a reserva do local ficaram sob o encargo da Gold Turismo, Brasília-DF.



Foto Porto de Galinhas-PE 2015 – Cortesia: Florêncio

• 2016 •

Local: **Salvador-BA**

Data: 30 de novembro a 3 de dezembro

Programação:

- 30 NOV: Reunião festiva no Hotel de Trânsito da Praia de Amaralina (noite): encontrão na área de piscinas do hotel
- 1º DEZ: Passeio a Ilha da Maré. Jantar no Restaurante Coco Bambu
- 2 DEZ: Passeio à Praia de Guarajuba
- 3 DEZ: Passeio (City Tour) (Observação: muita chuva)

Jantar dançante de despedida no hotel (pela alegria e descontração, o PRISCO (Art) foi coroado mestre-sala e a IEDA, esposa do MAGALHÃES (Int), a porta-bandeira).

Hotel: Fiesta

Gestores: MARIO (Int), CID (Inf) e MACHADO (Inf)



Foto Salvador-BA 2016 – Cortesia: Florêncio

• 2018 •

Local: **Maceió-AL**

Data: 26 a 29 de setembro

Programação:

- 26 SET: Jantar de recepção na Churrascaria Sal e Brasa (outra vez!)

- 27 SET: Passeio à Praia do Gunga
- 28 SET: Passeio à Praia de Parispueira
- 29 SET: Passeio às Dunas de Marapé e Jantar de despedida no hotel

Hotel: Maceió Atlantic Suites

Gestores: NEVES FRANCO (Inf) e EUFRÁSIO (Inf)



Foto Maceió-AL 2018 – Cortesia: Florêncio

● 2019 ●

(previsão)

Local: **João Pessoa-PB**

Data: 24 a 27 de setembro

Programação:

- 24 SET: Jantar de recepção no Restaurante Fullano Praia (Noite Havaiana)

- 25 SET: Passeio (City Tour) pela Cidade de João Pessoa

Almoço no Restaurante Boteco da Villa (Altiplano)

Continuação do City Tour (término com o Pôr do Sol ao som do Bolero de Ravel, na Praia do Jacaré (Cabedelo))

- 26 SET: Passeio à Praia de Ponta de Campina (Lovina Tropical Restaurante)

- 27 SET: Dia livre

Jantar dançante de despedida no Buffet Porto Pinheiro

Hotéis propostos: Nord Luxxor Tambaú, Laguna Praia, Pousada Tamandaré, Corais de Tambaú, Nord Class Tambaú e Verdegreen Hotel

Gestores: BANDEIRA (Inf), BRAGA JÚNIOR (Inf), MENDES (Eng) e COUTINHO (Civil) (menção especial ao companheiro COUTINHO, que nos acompanhou no primeiro ano acadêmico e depois optou pela vida civil, formando-se Engenheiro Agrônomo. Participa ativamente dos eventos da Turma. Vibrador, entusiasmado e muito querido pela Turma).

Local: no visor – **Curitiba-PR**, a “Cidade Sorriso”

3. ENCONTROS REGIONAIS

Consoante com o espírito de amizade e união forjadas ao longo dos 50 anos de convivência, as Reuniões Regionais se realizam com frequência.

Serão destacadas as Reuniões das Guarnições do Rio de Janeiro (pioneira e inspiradora), Brasília e São Paulo, por ocorrerem mensalmente em oportunidades pré-programadas.

Mas, é de conhecimento geral, que em outras Guarnições, por exemplo, Fortaleza, Curitiba, Porto Alegre, entre outras, elas são ativadas com menos frequência, mas sempre refletindo o sentimento de irmandade e o vínculo afetivo poderoso que impera entre os integrantes da Turma.

• RIO DE JANEIRO - RJ •

O que se segue é decorrente do apoio em informações fornecidas pelo ÂNGELO (Inf), que disponibilizou a Ata da 1ª Reunião, do atuante LOBO (Inf), atual responsável pelas Reuniões e distinguido pelo título de “Guardião da Pioneira”, e do ilustrado NILO (Cav), por meio de belíssima crônica enaltecendo o saudoso SOUZA PINTO (Art), o venerando idealizador, motivador, organizador e mantenedor dos eventos posteriores.

Nesse contexto, a 1ª Reunião ocorreu em 6 AGO 04, no CMPV, impulsionado por convite do SOUZA PINTO (Art) via “*e-mail*” endereçados indistintamente aos integrantes da Turma.

Nessa Reunião, ficou decidido que ela se repetiria em todas as primeiras sexta-feira de cada mês, no CMPV ou eventualmente em outro local.

Compareceram ao evento 22 (vinte e dois) companheiros de Turma, magistralmente simbolizados na foto, que se segue: ABALLO (Art), ÂNGELO (Inf), AYRTON (Inf), BARCELLOS (Inf), BATISTA (Inf), BERNARDES (Cav), FRISCH (Eng), GUSMÃO (Art), GUERREIRO (Inf), GONZAGA (Inf), ISMAEL (Inf), IVAN (Art), LAMAS (Inf), MOURA (Com), MOTA (Art), NILO (Cav), PEREIRA GOMES (Inf), PERES (Art), RAPHAEL (Inf), RUBEM (Art), SAINT-CLAIR (Inf) e SOUZA PINTO (Art).

Mantém-se resoluta até os dias de hoje, conhecida como “a Pioneira” por ter sido a primeira a funcionar nos moldes atuais, inspirando o estabelecimento de outras Reuniões de integrantes da Turma em outras localidades.



Foto (Mosaico) com participantes da 1ª Reunião – 2004 – Cortesia: Ângelo

● BRASÍLIA - DF ●

Ninguém mais capacitado que o SIMÕES JUNIOR (Inf), honorável incentivador, organizador e condutor, para discorrer sobre as Reuniões na Capital Federal:

“Sempre ouvíamos falar que era necessário realizar confraternizações para permitir a manutenção da união dos militares que concluíram a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). A própria Academia sugere que, após os dez anos e nas décadas seguintes de formatura, os concludentes do Curso de Formação de Oficiais retornem para as sagradas alamedas do Conjunto Principal. Com a dispersão dos aspirantes pelo território nacional, as formas de manter a união das Turmas de formação passam pelos exercícios com tropas regionais, os eventos na Guarnição onde servem e as modernas redes sociais. O surgimento das redes sociais foi preponderante para diminuir as distâncias e manter a união daqueles que se utilizam dessa importante ferramenta tecnológica. A Turma Marechal Mascarenhas de Moraes cumpriu o previsto pela AMAN, com referência aos encontros de dez, vinte, trinta e quarenta anos de formatura. Com a passagem para a reserva de parcela significativa de oficiais, a partir do final da década de noventa e

início dos anos 2000, foi necessário pensar o que fazer para manter a união dos confrades. Como na Capital Federal concentrava um número expressivo de oficiais na ativa, foi possível iniciar as confraternizações na Guarnição de Brasília. A princípio, eram convites para participação em churrascos no Clube do Exército, com os confrades conduzindo peças de carnes, saladas e bebidas. Tudo muito na base da improvisação e no natural entusiasmo, como forma de integrar, também, os familiares. Com a assunção do Comando do Colégio Militar de Brasília, o saudoso KASPER (Art) promoveu a grande reunião que se teve notícia aquela época. Tempos depois, o GUIMARÃES (Inf), na Chefia do EGGCF, também promoveu concorrida reunião. Cito, também, alguns eventos de confraternização realizados no 1º RCGd, materializados em jantares com a presença das esposas e atividades programadas para os mais diversos restaurantes da capital federal. Entretanto, a partir de proposta apresentada do veterano NESTOR (Cav), estabeleceu-se que as reuniões seriam mensais e definiu-se que elas aconteceriam na última sexta-feira no mês e nas dependências do Clube do Exército, localizado no Setor Militar Urbano da capital federal. A partir dessa decisão do Grupo Gestor, criado com a finalidade de planejar e executar as referidas reuniões, passou a ser rotina, para os confrades que residem na capital federal, comparecer aos eventos programados na última sexta-feira do mês. Esse projeto para celebrar a vida já está na sua centésima sétima reunião e tem sido uma ferramenta essencial para a integração e união dos veteranos da Turma Marechal Mascarenhas de Moraes que residem em Brasília.”



Foto Brasília-DF—presença Prof BUSATO – 31 JUL 15 – Cortesia: Florêncio

• SÃO PAULO - SP •

A respeito, o magnânimo ARCHIAS (Inf) assim se pronunciou: “Quando cheguei a São Paulo, em meados de 2014, fui muito bem recebido pelos amigos da turma que aqui se encontravam e, nas reuniões que fazíamos, esporadicamente, surgiu a ideia de nos reunirmos regularmente.

Com o auxílio do FAYAD (Mat Bel), GUERREIRO (Inf), MORATA (Inf) e NOGUEIRA (Art), além do banco de dados do pessoal da EsPCEX/Tu Olavo Bilac 1966-1968, organizado pelo FLORENCIO (Com), fizemos o contato com os amigos e elegemos, em votação democrática durante a primeira reunião, a primeira quinta-feira do mês como o dia da nossa reunião mensal.

A motivação foi, a exemplo do Rio de Janeiro e de Brasília, manter acesa a chama da camaradagem e do espírito de corpo que viceja no nosso íntimo, e que, com o passar dos anos se esvai. Além disso, rememorar os fatos pitorescos da nossa carreira, particularmente, aqueles que passamos juntos nos bancos acadêmicos.

As maiores dificuldades foram para encontrar alguns companheiros, cujos telefones e e-mail estavam desatualizados, e a distância das cidades onde moram, tendo em vista o trânsito na cidade de São Paulo. Mesmo assim, têm comparecido amigos de Santos, Guarujá, Caçapava, Campinas, Sorocaba, Barueri, Franco da Rocha, Águas de São Pedro, Batatais, Indaiatuba e Votorantim.

O CMSP foi escolhido para o local efetivo das reuniões por ser próximo ao QG do Ibirapuera, ter estacionamento, inclusive para os não militares, ser um local agradável, com bons restaurantes, ser um ambiente nosso e porque o MORATA (Inf) era o presidente.

A curiosidade das nossas reuniões é que dela participam, também, integrantes da EsPCEX que seriam da nossa Tu MMM se tivessem prosseguido na carreira, como ASSIS, CURIONI e o FALCÃO, os que foram da Tu, mas resolveram se aperfeiçoar, como o MAGALHÃES Inf 73 e o RODRIGÃO Cav 73, e integrantes de outras turmas da AMAN, como o PENTEADO Art 73, assíduo comensal e outros que comparecem de vez em quando para nos prestigiar.

Assim é que, no dia 4 de fevereiro de 2016, com muita alegria, ocorreu, no Círculo Militar de São Paulo (CMSP) a nossa primeira reunião com a presença dos confrades: ARAKI (Com), FAYAD (Mat Bel), GUERREIRO (Inf), MORATA (Inf), PRISCO (Art) (que era sempre o primeiro a chegar, pois vinha de Santos), FELIX (Com/QEM), NOGUEIRA (Art), PEDREIRA

(Com/QEM), PAULO SÉRGIO (Com), HONÓRIO (Mat Bel), RAMOS (Art) MOREIRA (Inf), CARNEIRO (Mat Bel), ROXO (Mat Bel), SILVANO (Art), RODRIGUES (Cav 73) e ARCHIAS (Inf).”



Foto Reunião São Paulo-SP – Cortesia: Archias

Apreciação

Para efeitos estatísticos tivemos, até 2018, 14 (quatorze) Encontros Anuais, sendo 06 (seis) na AMAN e 08 (oito) em outros locais. Desta maneira, o Encontro Anual de João Pessoa, do corrente ano, será o de número 15 (quinze).

Capítulo 05

RELATOS DE INTEGRANTES DA Tu MMM

“Louvado seja Deus que nos deu a memória. Esse divino dom de recordar, perpetrando, destarte, a vida transitória. Não deixando de vez o passado passar.
“(Bastos Tigre)

1. Generalidades

Caros leitores, particularmente os integrantes da Turma MMM, como dissemos na Introdução, pretendíamos acrescentar algo mais que simples coletâneas de publicações já existentes. Assim, dedicamos este capítulo para publicar breves relatos de situações vividas por integrantes da Tu MMM, durante a vida na caserna.

Gostaríamos de tentar justificar o reduzido número de depoentes, mas vejamos os senhores a situação: pensou-se em fazer contato com o máximo de integrantes da Turma, no entanto seria quase impossível, em virtude do tempo e dados pessoais disponíveis, do número de páginas necessárias e da oportunidade de respostas.

Dessa maneira, para viabilizar este capítulo, nos limitamos a consultar alguns integrantes das diversas Armas, Quadros e Serviços. Pedimos nossas sinceras escusas aos demais integrantes da Tu MMM que não foram consultados, o que muito nos entristeceu.

Em 2022, estaremos completando 50 anos de aspirantado, talvez fosse a ocasião de registrar a efeméride com uma publicação onde se dedicaria parte para um maior número de narrativas.

2. Narrativas dos colaboradores

Abaixo estão publicados dezoito episódios singulares vividos por integrantes da Turma que mereceram destaque, a saber:



ÂNGELO Azevedo da Costa (Inf)

Eu vivi, não é mentira não.



Foi um caso..., não, aconteceu, foi real, alguns viram e não se lembram, preciso contar para registrar.

O ano, 1969, na Pista de Pentatlo Militar da AMAN. Estávamos lá os cadetes do primeiro ano do Básico numa sessão de estudos. Passada a preparatória, um por um íamos sendo chamados para o primeiro dos obstáculos a "escada de cordas" a conhecida "bandeira". Alguém demonstrou, não era a primeira sessão, os processos de transposição: o giro, a bandeira... não devem ter demonstrado, mas o "jeitinho" a gente sabia, passava a perna e pulava de um degrau, conforme a coragem de cada um.



Lembro que houve um que caiu de mau jeito e saiu mancando, outro quase ficou preso nos degraus, lá fui eu, não, não fui voluntário, era a minha vez. Fiz o que tinha que fazer e, audaz preposo, acho que já pensando na Infantaria, "vapt-vupt" - devo ter sonhado fazendo uma linda bandeira, e "bumba"... cara, peito e barriga na areia. Acho que fizeram silêncio, nem imagino, alguém se lembra? Eu, sei lá se desesperado, pensei ou falei, "não consigo respirar" e já ia dormir, talvez desmaiar... De repente, vindo de onde ninguém imaginava, chega rápido, não serelepe ou faceiro, simplesmente rápido, o Chico Bomba, isso mesmo, o Cadete Rodrigues e, olhem só a cara-de-pau do sujeito, éramos do pelotão do Seixas Marques - vejam só o risco, na frente de todo mundo, me taca um beijo na boca... não, beijo não, "respiração boca-a-boca" soprando forte. Acordei rápido, afinal que era aquilo, empurrei o cara de cima de mim e acho que..., acho nada, não me lembro o que fiz. Levaram-me para o hospital, não sei como, para ficar aos cuidados da sempre presente Irmã Maria.

Éramos três baixados, lembro-me do cadete do 3º ou 4º ano de Intendência que havia sofrido um acidente de carro, mas era um bagunceiro terrível, a gente ria o tempo todo com as histórias do veterano. Meu leito ficava escondido atrás da porta, quem entrava não me via de imediato. À noite, bem depois do jantar, estávamos na arruaça e eu rindo no meu canto quando: silêncio, apareceu, sem que eu visse, o temido Maj Guilherme, de muitas lembranças de todos, e já me foi dando um "esporro" daqueles: "então eu venho aqui à noite ver o cadete que quase morreu na Pista de Pentatlo e encontro essa zona, você já pode ir embora amanhã". Ufa, fiquei em silêncio, e talvez tenha tido o primeiro contato com a realidade do que aconteceu comigo. Não sei quando dei alta, mas nunca mais consegui dar uma "bandeira" no bom estilo.

Não parou aqui, história boa precisa continuar um pouco mais. Eu tenente, servindo no 9º BIMtz fui a Porto Alegre e encontrei lá o já Cap Dias,

o Burro Branco, ele era um dos tenentes, talvez o mais antigo, que estava na hora do acidente e me contou, simplesmente: *"estava vendo um cadete morrer, já ficando azul, sem ter o que fazer"*. Pois é, não devo ter reconhecido para ele ou para alguém, salvou-me a vida o Chico Bomba, aliás a quem aprendi admirar por ações futuras como capitão no Rio de Janeiro e depois como coronel já na reserva em Vitória.

O tempo passou, em 2012, na festa dos nossos 40 anos do aspirantado, vindo o Rodrigues a Resende entre uma hemodiálise e outra, pude homenagear o querido amigo convidando-o a descerrar a placa comemorativa.

Quis quem move os nossos destinos que eu prestasse aquela homenagem em vida ao companheiro, que faleceria em 17 de maio de 2014, a quem devo poder hoje escrever esse *"causo real"* em sua memória como uma das histórias que contam o que somos nós, os integrantes da Turma Marechal Mascarenhas de Moraes - AMAN 1972



ARCHIAS Alves de Almeida Neto (Inf)



O Valor da Família Militar

A vida de um militar de carreira é como um caminho desafiado cheio de encruzilhadas e com muitas picadas, trilhas e estradas carroçáveis, que, com o passar dos anos, se transformam em estradas asfaltadas e até autoestradas, e que é percorrido nas mais diferentes situações climáticas: sol, chuva, neblina, frio ou calor, nas suas mais diversas gradações.

Provavelmente, nas demais profissões o mesmo ocorra, embora na nossa carreira exista um fator diferencial, de grande importância - a Família Militar.

Desde cedo, como aspirante a oficial, pude vivenciar esse calor humano nas inúmeras vezes em que participamos de encontros sociais nos PNR dos nossos Superiores.

Como 1º Tenente, recém-casado em Guajará Mirim - RO, onde reencontramos os infantes Sampaio, Oliveira, Paes Leme e Hayashi, além de outros companheiros mais antigos e mais modernos, e suas esposas e filhos,

com quem estreitamos a amizade, sentimos mais intensamente o valor dessa “Família” por estarmos longe dos nossos familiares.

Ao longo da carreira, a nossa vida é uma caixa de surpresas cheia de fatos pitorescos que surgem a cada dia.

O ano de 1981, o da EsAO, foi marcante: fomos de Recife para o Rio de Janeiro de carro, acampando, estando Clarice grávida de quatro meses. Ao nos apresentarmos, recebemos o PNR no estado em que se encontrava e tivemos que pintá-lo. Para tanto, hospedados no apartamento dos amigos Jesus e Vera, também grávida, já com três filhas, fizemos um mutirão com Jesus, Neves Franco, Moreira e eu e, antes que a mudança chegasse a pintura foi concluída.

Mas, foi naquele ano, diante de um grave problema de saúde de nossa filha recém-nascida, que a demonstração de apreço e empatia se mostrou vigorosa. Sem dúvida, foi o fato mais marcante da nossa vida, pelo qual seremos eternamente agradecidos aos verdadeiros amigos: alunos e instrutores do Curso de Infantaria de 1981.

Pelo fato de esse drama ter perdurado por cerca de três meses, pudemos avaliar o grau de amizade desinteressada e de solidariedade que possuía aquele grupo, do próprio Comando da EsAO, bem como de militares do HCE.

Fato digno de nota ocorreu quando, durante uma aula à tarde, fui chamado pela minha esposa, porque nossa filha estava passando mal. Então, fardado do jeito que estava, com o uniforme de aula, segui dirigindo pela Av Brasil, na pista central, reservada para ônibus, para ganhar tempo. De repente surgiu um policial numa motocicleta da Polícia Rodoviária que me abordou por estar na faixa proibida. No entanto, ao me ver fardado e com a criança passando mal, terminou por me escoltar naquela avenida, abrindo caminho e reduzindo bastante o tempo até o hospital.

Por algumas semanas, a criança ficou internada em São Paulo, onde recebi o apoio irrestrito do casal amigo Biágio e Zilda, que nos hospedaram em seu apartamento. O Noronha, que servia no Cmdo II Ex, muito nos ajudou nos deslocamentos para os hospitais da cidade, graças ao pedido do sempre prestativo amigo Morata, que estava conosco na EsAO e servira junto com ele no ano anterior.

Em alguns fins de semana, eu e o Biágio fazíamos a ponte rodoviária Rio-São Paulo, após a última aula da sexta e retornávamos no domingo à noite.

As instruções e provas a que faltei foram recuperadas com o auxílio dos amigos, particularmente, os do grupo de estudo Jesus, Neves Franco e

Moreira, além do Ferreira e do Bolivar, entre outros, que se propunham, com toda boa vontade, a me passar tudo o que tinha sido visto em sala de aula.

Por vezes, o nosso filho ficava na casa do Neves Franco e da Petronila, onde era tratado com todo carinho e afeto.

Como a criança nasceu em hospital civil e com uma doença que não era diagnosticada, eu tive que arcar, inicialmente, com as despesas de UTI neonatal particular, dos exames, além de outros gastos, no Rio de Janeiro, e depois em São Paulo.

Apesar de todo esforço empreendido, infelizmente, ela veio a óbito em São Paulo, no Hospital Albert Einstein, e foi enterrada no jazigo da família do Biágio.

Por conta de tudo isso, o meu déficit orçamentário era considerável. Cientes desse percalço, os amigos da EsAO fizeram uma vaquinha e nos deram uma quantia superior a um vencimento, que muito nos ajudou naquele difícil momento por que passávamos.

Além disso, recebi também, por empréstimo do Neves Franco, uma quantia que paguei posteriormente, sem juros, porque ele não os aceitou, numa época de inflação elevada. Exemplo de pura amizade e desapego material.

Foi um ano de muito aprendizado de vida e de muitos agradecimentos: primeiramente a Deus por ter me colocado no lugar certo e na hora certa, cercado das melhores pessoas para nos ajudarem naquele momento peculiar, e, depois, a todos os nossos verdadeiros amigos que, naquele ano, cursavam comigo aquele importante curso de aperfeiçoamento para a nossa carreira que, numa demonstração de invulgar camaradagem, foram o nosso esteio, uma verdadeira Família Militar para que pudéssemos superar aquele obstáculo de difícil transposição.

O verdadeiro significado de união e de amor ao próximo, pude sentir, naquele grupo de irmãos, a maioria da nossa Tu MMM AMAN 72, que me deram apoio na hora em que eu mais precisava e que me serviu de lição para o resto da minha vida.

Muito obrigado Amigos! Que Deus os abençoe e ilumine sempre!
(Archias e Clarice)



Emerson Celso N. **BARROSO** (Art)

Reminiscências de Cadete

Já era tarde. No corpo da guarda apenas os cadetes de serviço e o Oficial de Dia.

Eles aguardavam a chegada dos cadetes licenciados vindos do Rio de Janeiro. Era comum sairmos fardados nesses licenciamentos. Na casa do Laranjeira vestíamos o traje civil. No retorno do Rio essa troca era nos ônibus.

Depois de um fim de semana nas praias cariocas, essa volta indicava uma nova semana de rotinas, estudos, provas e atividades físicas. No balanço do ônibus, assim que passávamos por Barra Mansa, se iniciava um balé nos corredores. Na minha vez, após trocar a roupa, um susto envolto a um princípio de desespero. CADÊ MEU ESPADIM? Como desembarcar e passar entre os nossos fiscais com o fardamento incompleto? A cabeça raciocinando a mil para evitar um LS (licenciamento sustado) na próxima semana, arquitetei um jeito de não ser fgado.

No desembarque, aguardei a saída dos primeiros, me inseri no meio do restante, levantei a mala na altura da cintura, onde estaria meu espadim e adentrei às pèrgulas em direção ao meu apartamento. Passado esse perrengue, outro problema se avistava. Manter em sigilo essa falta. Como participar das formaturas sem meu espadim. Com a conivência de companheiros de serviço, pois não participavam das formaturas, eu usava o espadim deles. Isso durou uma semana.

No licenciamento seguinte, com ajuda de um colega carioca, foi-me recuperado o querido espadim.



Sergio D. **BONATO** (Art) (autor do livreto)

Soldado indisciplinado

Ao concluir a Escola de Educação Física do EB me apresentei pronto para o serviço no 4º GAC, em Juiz de Fora/MG, no início de março de 1978.

Fui indicado para comandar a 2ª Bateria de Obuses. O Ten Cel Pinheiro, subcomandante da OM, me avisou que eu encontraria problemas disciplinares na Subunidade. Aceitei o desafio, aliás não tinha escolha. A SU estava sendo comandada por um tenente temporário (sem desmerecê-los, pois, também fui temporário antes de ingressar na AMAN).

Reuni o subtenente e sargentos – dei uma “corda” neles. O sargenteante me informou que já havia soldados incorporados em janeiro que estavam ingressando no comportamento “mau” e poderiam em breve ser expulsos. Pedi ao SCmt da OM carta branca para agir com os soldados do efetivo variável. Recebi essa autorização. Reuni os soldados. Expus a situação. Abri um canal direto com o sargenteante e comigo. Vida nova! No dia seguinte o Sd Evandro (?), que estava prestes a ser expulso, faltou à formatura matinal. Sgte apura. Sem justificativa. Fiquei aborrecido. Soldado insensível.

Pensei, vou fazer uma última tentativa, falando com os pais dele. No final do expediente perguntei ao Sd Evandro onde ele morava e se eu poderia ir à casa dele. Disse que sim, e fui levá-lo em casa.

Fomos no meu carro até a casa dele, uma casa bastante modesta, com acesso difícil por meio de uma escada íngreme. Subi com ele. Fiquei aguardando na sala, enquanto ele foi chamar “seus pais”. Minutos depois ele voltou empurrando uma cadeira de rodas transportando a mãe dele, que era deficiente. Fiquei comovido. Falei com ela - muito simpática e solícita. Perguntei pelos membros da família. Ela disse que eram só ela e o Sd Evandro.

Conversamos bastante. Ela me disse que era dependente do Sd Evandro, particularmente nas primeiras horas da manhã. Disse-me também que o Sd Evandro não precisaria servir ao Exército, mas ele foi voluntário. Como era um antigo desejo dele, ela concordou. Ele era arrimo de família. Me disse que sentia vergonha de falar no quartel sobre seu problema familiar.

Conclusão, o Sd Evandro chegou atrasado outras vezes, sempre justificadas. Sua conduta militar era irrepreensível, sempre era voluntário para qualquer missão. Suas punições anteriores foram abonadas. Foi licenciado na primeira turma. Ao dar baixa recebeu uma carta de recomendação.

Às vezes precisamos descer da montanha e caminhar na planície para enxergar a realidade.



Newton Alvares **BREIDE** (Cav)



O “Sniper”

Idos de 1978, o NPOR do 5º Esqd C Mec, ainda sediado em Curitiba, estava no Campo de Instrução da Reserva (CIR), em Ponta Grossa, para realizar sua primeira jornada de tiro com armas coletivas.

O diminuto efetivo – vinte alunos – permitia que este instrutor conhecesse bem seus instruendos. A fim de que houvesse uma natural progressão no resultado do tiro de Mrt Brandt 81 mm, escolhi para atirador da primeira guarnição o aluno reconhecidamente mais limitado. Pois bem, após a instalação da peça e de todos os cuidados para que a folga do reparo não prejudicasse a regulação, o apreensivo e trêmulo aluno soltou a primeira granada na boca do tubo. O alvo, em uma coxilha a cerca de 800 metros, tinha como referência um lençol branco. Acompanhamos o sibilar da granada e, para nossa surpresa e júbilo, a explosão ocorreu bem em cima do lençol que, incontinenti, pegou fogo. Aí começou um verdadeiro calvário!

Só para recordar, à época, o Paraná vivenciava uma seca tão grande que as cataratas do Iguaçu apenas gotejavam. O incêndio alastrou-se tão rapidamente que os nossos parvos esforços foram tão inúteis quanto os das guarnições especializadas dos bombeiros de Ponta Grossa que vieram em nosso socorro.

Após um dia e uma noite de combate ininterrupto ao fogo, exaustos, famintos e imundos concluímos o rescaldo. Resumindo, o estrago foi a queima de metade do campo de instrução, em formato de uma grande borboleta. Uma asa inteira virou cinzas.

O Cap Albert (Cav 71), Instr Ch, e eu, sentados à beira da estrada que evitou a queima da outra metade do campo de instrução e de fazendas vizinhas, imaginávamos os cenários funestos que nos aguardavam.

O Cmt da 5ª Bda Inf Bld, Gen Bda Sebastião José Ramos de Castro ao saber do ocorrido, para nosso alívio, declarou: “-Parabenezem os meninos pela precisão no tiro e quanto ao CIR, a sua finalidade é para o adestramento da tropa e, definitivamente, a guerra não é uma atividade ecológica!” O Zéga jura que não teve influência na decisão do seu saudoso pai!

Já tive oportunidade de contribuir na formação de muitos atiradores, mas “sniper” de morteiro esse foi o único.



Adélio de Cunha **CHIBINSKI** (Eng)



Os Aspirantes de Engenharia/72 chegam ao 9º BECmb



Dos cinquenta e cinco Aspirantes de Engenharia da Turma Marechal Mascarenhas de Moraes, seis fomos classificados no 9º BECmb (Aquidauana-MT), o Batalhão Carlos Camisão. Todos, nos apresentamos prontos para o serviço em fevereiro de 1.973: Chibinski, Dário, Wagenfuhr, Bianchini, Vita e Amêndola.

Para se ter ideia da falta de oficiais na Unidade à época, respondia pelo comando da Cmdo da Cia C Sv no Cap Veterinário (Ch da Granja, que estava sendo desativada), que me passou o comando da subunidade, pois o Cmt Cia efetivo se encontrava em férias; fui Cmt Pel Pnt/Cia C Sv, cargo que exerci por pouco tempo, pois logo assumi a Cia, e depois passei a integrar o E M Btl, tendo a oportunidade de, já 1º Ten, ser o S/3 (com vencimentos de major !).

Tenho boas recordações daqueles tempos.

Quanta esperança de um batalhão inteiro depositada no sangue novo chegado da Academia, que juntado ao sangue dos poucos Cmt Pel já existentes, todos R/2, iria “revolucionar” a instrução da Unidade! Até Instrução Especial, nos moldes da SIEsp/AMAN, passou a ser ministrada.

De tenente a capitão, fui transferido e retornei ao 9º BECmb por duas vezes, tendo servido com todos os comandantes, de 1.973 a 1.984; outros companheiros de turma, com os quais tive o privilégio de ombrear, chegaram nesse período: Pécora, Peres, Mourão e Barros. Vários oficiais de turma subsequentes também chegaram, muito contribuindo para aumentar a

operacionalidade do histórico batalhão, cuja 1ª Cia foi a primeira tropa da FEB a entrar em combate em solo europeu.

Sempre volto à Aquidauana, pois lá me casei. Para muitos militares do meu tempo, que lá ainda estão, continuo sendo tenente. Não é raro, nessas ocasiões, alguém, ao me cumprimentar efusivamente, perguntar:

- E a Esboslávia, Ten Chibinski?



João Francisco **FERREIRA** (Inf)



Uma lição de justiça

Transcorridos 50 anos de nossa entrada pelo Portão Monumental da AMAN, as lembranças daquela época ainda se mantêm muito vivas na memória.

Mesmo com alguma experiência acumulada durante os três anos de EsPCEX, a grandiosidade da Academia e o desafio que tínhamos pela frente causavam muita apreensão, mas era necessário seguir em frente.

Após as curtas férias escolares do mês de julho, o 1º objetivo estava muito próximo, o tão esperado recebimento do Espadim, que nos confirmaria como Cadetes de Caxias.

Mesmo sob a cerrada e permanente observação de nossos instrutores, dos cadetes mais antigos e do pessoal de serviço, eu havia conseguido passar o 1º semestre sem qualquer FO negativo. Mas a alegria não durou muito e fui anotado às vésperas do Espadim.

Como era de costume, na tarde de 6ª feira, o Cadete Sargenteante organizou aquela imensa fila no corredor da ala, junto à porta do PC do Comandante de Companhia, Capitão Mário Rozas, para o cerimonial conhecido como “hora do pato”. Quem estava na lista sabia que o final de semana estava a perigo.

Quando chegou a minha vez, entrei no PC e, após a apresentação regulamentar, permaneci imóvel, aguardando o “veredito”. No entanto, para minha surpresa, antes de relatar o FO, o Capitão iniciou uma conversa muito fraterna, perguntando sobre meu desempenho escolar e ressaltando a importância da classificação na AMAN, que teria influência em toda nossa

carreira. Durante alguns minutos recebi elogios pelos meus resultados e um forte incentivo para me dedicar ainda mais aos estudos. Ao final dessa preleção, ingenuamente, cheguei a pensar que a minha punição seria mais amena!

Porém o experiente Capitão consultou as NAPD e disse: “Cadete Ferreira, anotado por estar falando em forma, dois dias de LS (Licenciamento Sustado), pode se retirar”.

Saí do PC meio acabrunhado, mas à medida que as horas foram passando, fui me convencendo cada vez mais que o Capitão Mário Rozas me transmitira uma preciosa lição de como aplicar a justiça, pois a punição que recebi fora exatamente igual à dos outros cadetes que haviam cometido a mesma falta. Ou seja, todos éramos iguais perante as NAPD!

Nunca esqueci essa lição, em todas as oportunidades em que coube a mim a administração da Justiça em nossas Organizações Militares.

Quase quarenta anos depois, quando comandeí a 6ª Região Militar, tive a satisfação de encontrar como comandante do 19º Batalhão de Caçadores (OMDS/6ªRM) o Coronel Rogério Rozas, excelente oficial, filho do nosso saudoso Comandante da 1ª Companhia do Curso Básico. Conteí-lhe esse fato, inesquecível “Lição de Justiça” que recebi nos primórdios da carreira militar e que me emociona até hoje.



Homenagem dos autores ao 1º colocado da nossa Turma MMM

Um camarada formidável

Ao amigo João Francisco **Ferreira**, 1º colocado na Tu MMM, foi dedicada uma página na revista da AMAN (Revista Agulhas Negras), com os seguintes dizeres: “*Os integrantes da Tu demonstram a estima e o reconhecimento pela inigualável amizade, camaradagem e companheirismo. E, sua simpatia e cordialidade. Parabéns camarada Ferreira. Obrigado por tudo...*”



Antônio **FLORENCIO** da Silva (Com)



Trecho das palavras proferidas na minha despedida do serviço ativo, ocorrida em 23 de março de 2006, como Chefe de Gabinete do Estado-Maior do Exército.

A profissão militar reveste-se de uma mística especial e exige uma gama de aptidões e de sacrifícios que, normalmente, são assumidos conscientemente e voluntariamente pelos seus adeptos.

O militar deve ser tratado de forma que, em uma situação de alto risco, o chefe tenha a certeza de que será precedido por alguns, ladeado por outros e resguardado pelos demais. Somente desta forma, agindo com bondade, equidade e respeito à condição humana, o chefe será reconhecido como um líder.

Sinto-me gratificado pela trajetória percorrida, a qual me permitiu pertencer a uma instituição honrada e de excelentes serviços prestados à nação brasileira e à comunidade internacional. Pude ombrear-me com profissionais altamente capacitados, com chefes íntegros, com companheiros leais, com subordinados solidários e participativos. Da sua grande maioria conquistei uma amizade que se forjou nas dificuldades enfrentadas, nas vitórias conjuntas, como também, no fraterno e respeitoso convívio social desfrutado.



Antônio **HÉLIO COSSA** (Eng)



Família Militar.....abnegação

Vila de Rondônia (1975), dispunha de precário sistema de energia, de água, infraestrutura sanitária e comunicações. Não havia televisão, nem

mesmo rádio. No centro da Vila um sistema de alto falante fazia as comunicações. O sistema de saúde inexistia.

A vida corria, a BR 364 não podia parar. Eloisa, verdadeira esposa de militar, enfrentava a saúde e as carências locais, as dificuldades não tiravam dela a ledice de viver. Estávamos felizes. Paula, com cinco meses, nos completava.

Entretanto, Paula adoece, sua saúde se debilita, o que nos leva à decisão de levá-la a Porto Velho. Com sorte, doze horas de viagem.

A viagem foi difícil e cansativa, atoleiros foram vencidos, problemas mecânicos foram superados. Paula, ora no meu colo, ora no colo de Eloisa, seguia lutando por sua existência, seus olhos não mais se abriam.

Chegamos a Porto Velho, prontamente atendido no HOSPITAL DO 5º BEC, deu-se início aos procedimentos médicos. Era madrugada.....

As dificuldades aparecem, não se conseguia encontrar veia para aplicação do soro, o médico faz a opção pelo procedimento de dissecação. Autorizamos, parecia simples.

Constata-se, todavia, que não havia, naquele momento, anestesia disponível. Não restou alternativa, estabilizei o braço da Paula e disse ao médico que podia realizar o procedimento. Ao primeiro corte do bisturi, Paula chorou, minhas pernas tremiam, meu coração bateu mais forte. Paula estava viva.

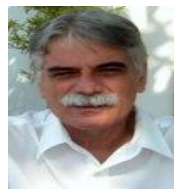
Feita a incisão, surgem dois vasos sanguíneos e a dúvida sobre qual era a veia e qual era a artéria. O médico me faz essa pergunta. Como responder.....perplexo, eu olhava.

Nesse exato momento, e já no clarear do dia, adentra a sala um médico que, colocando-se a par da questão, mandou que se realizasse um pequeno “pique” sobre um dos vasos. Isso feito, um jato de sangue subiu..... a artéria. Paula renasceu.

Agradeço a Deus, à família militar e aos “trecheiros” da família QUIMBEQUIANA.



IVAN Teixeira de Assis (Art)
Chegada na AMAN - 1969



Após a aprovação no concurso para AMAN, realizei exames médico e físico no CMRJ e cheguei na Academia no início de fevereiro de 1969 para realizar os demais exames e ser matriculado.

A chegada ocorreu com os demais candidatos oriundos da EPCEX, dos Colégios Militares e do Aviso.

Na entrada do Conjunto Principal fomos recebidos por oficiais do Curso Básico, que na oportunidade nos identificavam e indicavam o local onde iríamos ficar alojados para realização dos exames finais para matrícula. Nessa oportunidade, era solicitado dos candidatos o “nome de guerra”. Como paisano, desconhecia do assunto, então perguntei aos integrantes da fileira em que me encontrava do que se tratava e fui informado que seria o nome que eu gostaria de ser chamado como militar.

Ao ser recebido, pelo então Ten Seixas Marques, informei IVAN, ele respondeu isso é nome de paisano, escolhe outro. Em seguida falei ASSIS, ele respondeu já existe e seu nome de guerra é TEIXEIRA, pode seguir para segunda companhia. Na mesma oportunidade, recebi o número de candidato 2103.

Em 10 Fev 69, fui matriculado no primeiro ano do Curso Básico, com o número 500 e nome de guerra TEIXEIRA, o qual permaneceu até o ingresso na Artilharia, ocasião em que foi trocado para IVAN, pois o paraquedista TEIXEIRA era mais antigo.



Homenagem dos autores ao nosso claviculário, Cadete IVAN Teixeira de Assis. Encarregado da abertura do Portão Monumental, para a entrada dos novos cadetes – 1º Mar 1969.



IVAN COSME de Oliveira Pinheiro (Cav)



Nas encostas da Cota da Borboleta

A vida de cadete é, realmente, um relicário de “causos”.

Constatamos, quase que perplexos, que esses são eivados de particularidades impublicáveis, mesmo para um contumaz contador de histórias.

Rebusco daqui, rebusco dali, e, radiante, me lembrei de um acontecido nos idos do 2º ano da AMAN, no estágio de Guerrilha Rural, tendo como personagem principal o colega, à época, mais parecido, ainda, com o falecido e esplendoroso humorista José de Vasconcelos.

Subíamos nós, sofridos e sujos das lides atinentes ao SIESP, pela Cota da Borboleta. A paciência e humor na sola dos pés, irritados, mas prontos como qualquer cadete em exercício. Mochilas às costas, em fila indiana, no meio do capinzal, íamos “ciceroneados” pelos tenentes e capitães instrutores, pessoas da mais alta gentileza e finesse. Tão assim eram que, a qualquer olhar de um deles, nosso ser tremia diante da antevisão de ser compelido a “pagar castigos” e, normalmente, não nos enganávamos e lá vinham flexões, cangurus e pulinhos de galo....

Nessa caminhada, empreendida após noite indormida, tendo instrução de ofidismo em meio às peçonhentas amigas, éramos acompanhados pelo singular Ten Sierra Mike, respeitado e, por muitos odiado, por seus atributos de combatente de alta estirpe.

No meio da subida da Cota, cercado pelo alto capim, eis que o oficial se joga ao chão, estancando a marcha da coluna, gritando, enquanto segurava a perna: Socorro, fui picado por uma cascavel!

De imediato a estupefação geral! De onde menos se espera, sempre vem a solução. O nosso tímido personagem “Zé Vasconcelos”, sai do meio do grupo, já formado ao redor do “ferido”, e sacando de sua inseparável faca de campanha, suja e enferrujada, rasga a perna das calças do Ten Sierra Mike e brada, resolutivo:

-- Calma, Tenente, que vou furar sua perna e chupar o veneno!

Diante de tanta convicção, já de calças rasgadas, o oficial, de um salto, põe-se de pé e brada, embora surpreendido:

-- Positivo, militar, já vi que aprendeu a lição! Vamos prosseguir!

E lá fomos todos, felizes com a desdita do Sierra Mike, acabando de subir a Cota da Borboleta, sabedores que novas surpresas nos esperavam, bem como uma vingança do poderoso Tenente.

Bem, mas isso já é outra história.



Ronaldo da Costa **MAGALHÃES** (Int)



O historiador paraibano

Minha primeira unidade após a conclusão do curso da AMAN foi o 16º. RCMec, sediado em Bayeux-PB, na grande João Pessoa. Em agosto de 1973, nas comemorações da Semana do Exército, foi realizada à noite uma palestra sobre a vida do Duque de Caxias, proferida por um ilustre historiador paraibano, cujo nome não me recordo.

O auditório do Colégio Liceu Paraibano, cujas poltronas de madeira, arredondadas, sem estofamento, muito utilizadas em cinemas de bairro até a década de oitenta, não possuía ar condicionado. Pequenos basculantes e minúsculos ventiladores colocados nas paredes laterais não foram suficientes para atenuar o calor no ambiente onde estavam presentes altas autoridades locais, comandantes militares, todos os oficiais, subtenentes e sargentos da guarnição, cerca de 300 pessoas.

Feita a leitura do seu curriculum vitae, o palestrante, um homem de mais de 80 anos, de terno de linho branco e chapéu panamá, iniciou a saudação aos presentes. Do representante do Governador do Estado até as demais autoridades civis e militares, citou-as de cor, respeitando a hierarquia funcional de todas. Iniciou sua palestra, em tom de vibrante discurso, sempre de improviso, começando pelos avós de Caxias. Aos 45 minutos, respirou fundo e no mesmo tom, declarou: “Tinha então Caxias 5 anos de idade”. O auditório veio abaixo.

Estávamos em 1808 e até o ocaso do Duque faltavam exatamente 72 anos. O suor escorria pelo rosto, entranhava na gola das camisas, escorria corpo

abaixo. O calor era insuportável. Todos se remexiam naquelas cadeiras duras da Móveis Cimo, fabricadas em Curitiba. O homem não perdeu o folego, passou pela pacificação de todas as lutas internas, do Sul ao Norte do país. Lembro-me quando falou da atuação do herói e de seu irmão na Revolução Liberal da minha Minas Gerais, do acampamento à beira do Ribeirão Vilarinho em Venda Nova, minha terra natal, que eu desconhecia, e dos combates com os revoltosos em Santa Luzia - MG.

Descreveu com riqueza de detalhes episódios da Guerra do Paraguai. Falou sobre o Duque Senador do Império e, por fim, chegou ao sepultamento do nosso maior herói em 1880, sem perder o fôlego e o tom vibrante, tudo isto após três horas e quarenta minutos, sem intervalo.



Gabriel Raimundo **MAGNO** Pinto (Int)



Nossa vida nada fácil

Todo mundo pensa que temos vida fácil e muito dinheiro.

Recém-casado fui transferido do 6.º para o 58.º BI (Aragarças/GO).

O Exército achava que nossa missão era deixar o Brasil todo habitável, e o oficial ter vivência nacional.

Nossa turma foi toda transferida para diversas localidades especiais.

E lá fomos para um vilarejo onde a maioria dos habitantes eram índios.

O Btl estava acantonado e na região só havia uma pista de pouso mantida pela FAB e algumas casas. As instalações da Unidade bem como a vila militar estavam em construção.

A cidade sede da unidade localizada em Goiás fazia divisa com uma cidade um pouco melhor no Mato Grosso, elas pareciam aquela música "A Casa" de Vinícius de Moraes "não tinha nada", nem hospital, nem supermercado, nada mesmo. Era só a Vila da Palha, como era chamada a área residencial.

Bom, chegamos no nosso "Doce Lar" na Vila da Palha, logo que abrimos a porta da casa, um ser estranho nos deu boas vindas, minha esposa gritou: "Nossa! A casa tem até ninho de passarinho"!!! Silêncio não falei nada, mas

o soldado que me ajudava na mudança falou: "Tenente não é passarinho é morcego".!

Foi a primeira vez que ela viu um morcego ao vivo e a cores.

Começamos uma vida a três - eu, a Zezé e o morcego. Ele saía e ela se trancava no quarto, o único lugar da casa com forro de Eucatex, o resto da cobertura era palha, por isso chamada de Vila da Palha.

Concluindo, nosso casamento deu certo porque lá não tinha como voltar para casa da sogra, tinha que esperar um avião da FAB ou encarar 2 dias de ônibus.

Tivemos até sorte, pois logo chegou luz e o sinal de televisão.

Mas tinha um problema, se chovesse na "África" ficávamos sem luz e sem TV por vários dias.

Era assim, nossa vida fácil!!!!

(Maria José e Magno)



OMAR Antônio Kristoschek (Art)



Uma movimentação inesperada

Numa tarde de quarta-feira do ano de 1985, estava eu, capitão prestes a ser promovido, a curtir o ócio de um meio expediente entremeadado por alguns afazeres domésticos, quando um apressado mensageiro da EsACosAAe me entregou um radiograma.

Estranhei o inusitado acontecimento e, ávido, quis saber de que se tratava. Abri-o, e lá estava uma ordem para comparecer em Brasília, na próxima segunda-feira, para participar do estágio de preparação para novos comandantes de OM.

Mas como? – pensei – *eu nem sequer fui nomeado!* Meio atordoado, procurei um amigo, que morava ali perto e também servia na EsACosAAe, para mostrar o radiograma. Ele o leu e entendeu a mesma coisa que eu.

Qual OM vou comandar? O radiograma não a citava. Saímos, os dois, em direção à EsACosAAe para pesquisarmos nos Noticiários do Exército (NE).

Claro que não encontramos a dita nomeação, pois, se ela tivesse sido publicada em um NE, o setor de pessoal já teria visto e me avisado. Mas a pesquisa valeu porque concluímos que apenas duas OM ainda não tinham

comandantes nomeados, a 1ª/6º GACos de Forte Coimbra e uma bateria antiaérea de Salvador. Nesse momento, eu já não tinha dúvidas de que o meu destino era o Pantanal. Por que me mandariam para Salvador, considerando que nem o curso de antiaérea eu possuía?

Comparei ao estágio de novos comandantes, conforme me haviam ordenado no radiograma, e depois, eu e minha esposa tratamos de planejar a nossa ida.

Qualquer movimentação para um militar gera uma série de problemas porque implica na escola dos filhos, moradia, emprego da esposa, entre outros. E quando se trata de OM de fronteira, ainda mais, porque sabemos que elas se localizam normalmente em lugares onde os recursos são escassos. Fazer o quê? Essa mudança brusca está entre as possibilidades de quem abraça a carreira das armas. No nosso caso, estávamos com a família organizada num grande centro, o Rio de Janeiro, e de repente nos vimos obrigados a rumar para um local completamente desconhecido, onde deveríamos viver, pelo menos, por dois anos.

Forte Coimbra, naquela época, era um local bastante inóspito, sem energia elétrica, situado numa margem do Rio Paraguai, acessível só por esse rio ou pelos esporádicos voos da FAB que lá pousavam quando a pista não estava alagada, e carente das principais facilidades de uma cidade.

Nossos três filhos estavam em idade escolar de quatro a dez anos. Era um problema sério. Fomos informados de que havia uma única escola de primeiro grau em Coimbra, cujos professores eram oficiais e sargentos da unidade, e o diretor era o próprio comandante. Sendo assim, o problema de escola estava solucionado. A casa do comandante era mobiliada, então teríamos que levar só a nossa roupa e poucos pertences.

Guardamos nossos móveis na casa de um parente e decidimos que tudo o que íamos levar para Coimbra teria que caber no nosso Passat 81 com um bagageiro de fusca adaptado. Planejamos a viagem em quatro etapas, com paradas em Três Lagoas, Campo Grande e Corumbá.

Em Campo Grande, eu teria de decidir se colocaria o carro no trem ou seguiria rodando até Corumbá. As informações sobre a estrada Campo Grande-Corumbá sinalizavam que a melhor opção seria embarcarmos todos no trem, incluindo o carro, e seguirmos até Corumbá, porém essa alternativa não me agradava, afinal íamos embarcar no chamado “Trem da Morte”. Tanto procurei informações sobre a estrada até que encontrei uma agência de

turismo que me disse o que eu queria ouvir. Na verdade, eu não procurava informações, queria apenas encontrar alguém que concordasse comigo.

Decisão monocrática tomada, seguiríamos de carro no dia seguinte. A estrada era asfaltada até Miranda (200 km) e, de lá para frente, me disseram que seria de cascalho (mais 200 km). Antes fosse. No dia seguinte, família unida, crianças dando alteração, rodamos até Miranda, terminou o asfalto, parei para abastecer; sorte minha, porque até o final da viagem não vimos um único boteco à margem da estrada, muito menos posto de gasolina. Só o que vimos foram boiadas, jacarés, sucuris e capivaras atravessando a estrada.

Ao retomar a viagem, esperando o tal cascalho, não andamos mais que 2 km e nos deparamos com uma fila de caminhões parados, onde os motoristas e ajudantes se movimentavam para desatolar o veículo da frente que travava a rodovia coberta de lama. Foi naquele instante que eu me arrependi de não ter colocado o carro no trem e de não ter considerado as informações sobre o terreno (lembra do MITeMe?). Juntei-me aos demais no atoleiro e, depois de algumas manobras, conseguimos liberar a estrada.

Reiniciamos a viagem, mas a maior velocidade que conseguíamos impor era 40 km/h porque a estrada, construída dentro do pantanal, era como um comprido e fino aterro com pontes de madeira, pouco distantes umas das outras, interligando os dois lados para evitar que a via desmoronasse.

Acelerando e freando, às vezes parando para arrumar o bagageiro que deslizava por ocasião das freadas, chegamos a uma balsa que também tinha uma fila razoável de carros, a qual, depois de algum tempo de espera, nos levou para o outro lado. No total, demoramos quase 12 horas para percorrer o percurso até Corumbá, onde chegamos por volta das 20 h. Se fôssemos de trem, levaríamos nove horas, sem os percalços descritos.

Em Corumbá, pernoitamos no HT e, no dia seguinte, depois de me apresentar ao Cmt da Brigada, deixar o carro na casa de um cabo, ordenança do comandante de Coimbra, seguimos por cerca de uma hora de viatura até a margem do Rio Paraguai, de onde uma lancha nos levaria até o destino final.

Finalmente no destino, em data previamente estabelecida, recebi o comando da unidade, bem como uma explicação detalhada das principais particularidades da OM e do local.

As atividades de um Cmt de OM de fronteira são bastante *sui generis* porque, além das ações normais de um Cmt, ele quase sempre possui encargos relacionados com a vida da comunidade local, que lá era composta por cerca de mil habitantes.

No meu caso, eu administrava um mini hospital, uma estação de tratamento de água, um serviço de transporte por meio de barcas, uma horta e uma padaria comunitárias, uma escola e uma igreja, uma subestação de energia com geradores, um armazém reembolsável, um rebanho bovino, uma pequena granja, uma pista de pouso, entre outras atividades de menor relevância, nas quais se incluía uma igreja cujo ministro da eucaristia era um cabo.

Além disso, não raras vezes, precisava atuar como mediador nas questões surgidas entre membros da comunidade, porque lá o poder público civil simplesmente não existia.

Minha família, que até então só havia usufruído do conforto das cidades, agora habitava uma casa em que a energia elétrica se limitava a períodos intermitentes porque o alto consumo de óleo diesel não permitia o fornecimento indiscriminado. Era comum cobras e aranhas caranguejeiras adentrarem às casas, só para falar de algumas situações inusitadas com que nos deparamos.

Meus filhos continuaram os estudos lá, junto com as crianças da comunidade, com as quais conviviam em plena harmonia. Minha esposa me ajudava na diretoria da única escola do local que funcionava de dia e à noite.

Foram dois anos de trabalho diuturno intenso, dos quais nós nos orgulhamos e temos muitas boas lembranças.

Anos mais tarde, um dos meus filhos que é oficial da Marinha assumiu o comando de um navio baseado em Ladário-MS, ocasião em que retornamos àquela área, e fizemos questão de fazer uma visita a Forte Coimbra, onde fomos muito bem recebidos pelo Cmt e pela população local. Assim encerrou-se um saudoso capítulo da nossa vida.



Francisco **PAULO CARVALHO** (Inf)



Reminiscências de uma carreira militar

A passagem pelo Portão dos Novos Cadetes, ouvir a locução “dos píncaros da glória Agulhas Negras vos contempla”, em início de 69, cinquenta anos

atrás, foram momentos que marcaram profundamente aquele jovem paisano candidato a Cadete.

Os anos acadêmicos transcorreram com marcantes eventos e que até nos dias atuais são lembrados com saudades. Os ensinamentos universitários e profissionais, acampamentos, formaturas do Espadim e Aspirantado, SIEsp, manobras, ECAS, show do recalque, festival acadêmico da canção, trote na bicharada, “só pra controle”, olimpíadas etc. marcaram a formação do jovem Aspirante.

Ao longo dos anos da carreira militar, dois Comandos guardo com carinho. O primeiro foi a nomeação de Comandante do Corpo de Alunos da ESA, no período de 87 a 89, onde, com a participação da equipe de instrutores e monitores dos cursos das armas combatentes, logramos êxitos na formação de quase 2000 novos Sargentos para o EB. Quando encontro algum ex-aluno, a maioria na reserva, ainda recordamos aqueles tempos.

O outro foi o de Comandante do 30º Batalhão de Infantaria de Montanha (hoje 30º Batalhão de Infantaria de Mecanização), no biênio 94/95. O desempenho da nobre função, com o apoio dos Oficiais e Sargentos, foi exitosa. Um fato gostaria de registrar. Nas Operações dos Exércitos o Plano de Apoio é sempre “omitido” e isso me deixava intrigado: é de difícil confecção? por que não fazê-lo? A oportunidade apareceu quando da realização de um Exército na carta de Defesa. Apoiado por Oficiais de Arma (um Major, um Capitão e um Tenente) cedidos pelo 26º Grupo de Apoio Colocamos “a criança” no papel. Foi um desafio geral para todos, com consultas à regulamentação, apostilas, notas de aula etc. A visão dos fogos de apoio orgânico do Batalhão, do cruzamento dos setores de tiro das frações (Grupo, Pelotão, Cia), dos fogos de apoio da Arma orgânica da Brigada, sem contar com os possíveis fogos de apoio de Escalões mais elevados, foi surpreendente. Fogos longínquos e aproximados de Arma, fogos de apoio orgânicos do Batalhão (Morteiros, Canhões 106 SR, Mitrilhados), fogos no LAADA, fogos no interior da Arma de Defesa etc. estavam consolidados no campo, anexo ao famoso Plano de Apoio. Foi um aprendizado geral e explorado nas Instruções de Oficiais/Sargentos.

Ao final de 2002, com 33 anos de Serviço e 03 décadas não gozados, fui para a reserva a pedido, tendo no pensamento que “uma vez militar sempre militar”.



José de A. **PIMENTEL** Junior (Mat Bel)



A irmandade e o Zé da Bicicleta

Por óbvio, a irmandade contempla a querida Turma Marechal Mascarenhas de Moraes!! Mas, neste texto, vou me reportar a uma parcela dos irmãos com os quais compartilhei em dois momentos únicos e/ou pitorescos, ainda vivos na memória, que foi o período de cadete e o comando de OM, pedindo desculpas por possíveis esquecimentos e/ou equívocos próprios de nossa atual consciência situacional.

Tudo é novidade para os candidatos, ao chegarem à AMAN, em 1969.

Os oriundos do CA; dos CM, sendo do Colégio Militar de Fortaleza, eu, Assis, Newton, Barbosa, Gil (Inf 73), Dias Costa, Studart, Guerra e Teóphilo; os cearenses Marinho, Bismark, Luzinar Pimentel, Sampaio, Norões...o maranhense Braga Jr; os da Preparatória...; os do Aviso...; os da EPCAR...;os R/2..., todos, com suas diferenças culturais, raciais, físicas etc, submetidos ao decisivo período de adaptação!

Nessa oportunidade, ainda com o uniforme do CM e indeciso, quanto à permanência no curso, me preocupava, a cada apostila e/ou peça de uniforme que recebia, devido ao liame que criava. Ao mesmo tempo, para complicar, vinha o Ten Dias e sussurrava: “pede para ir embora, candidato”! “aqui não é seu lugar” ...

Ainda, desse período, numa das constantes idas ao Bosque, melancolicamente, ou ao Correio Acadêmico, com muitas saudades da família e da terrinha, fui abordado casualmente por um funcionário civil, que transitava de bicicleta e que, possivelmente, impressionado com a minha magreza e fragilidade física, onde, apenas a cabeça do arataca sobressaía, indagou se eu pretendia ser Cadete!? Ao responder positivamente, me advertiu: “você não vai aguentar não”!

Foi uma senha, para que eu mostrasse a mim mesmo, aos instrutores, professores e, especialmente, à irmandade, que aguentaria sim!

E assim foi pelos quatro anos...

Vinte e três anos depois, no comando do 15º B Log...

Embora o comando do 15^o B Log para o biênio 1995/96 estivesse na minha 4^a prioridade, decorrido pouco tempo na OM, constatei que deveria tê-la colocado, desde o início, em 1^a lugar. Como se não bastasse a bela Cascavel-PR e o ambiente salutar e profissional da 15^a Bda Inf Mec, tive a honra de ter como subcomandante o irmão matbeliano Aílto Brandão, a quem agradeço pela lealdade etc, no cumprimento da missão, que incluía a de “guia” à testa da unidade, às 2^a feiras, por ocasião da intitulada “Corrida da Ressaca”, com todo o efetivo pronto! Sendo o mais “experiente”, foi um exemplo insofismável.

Outra curiosidade foi constatar que o belo e então novíssimo quartel do 15^o B Log fora construído sob a batuta do matbeliano Tarnowski, como engenheiro residente. Somem-se a essas “coincidências”, a presença do Paulo Carvalho no comando do 30^o BI Mec (Apucarana-PR) e Ch EM da Bda em 1996; a atuação do vizinho Timóteo, no comando do 33^o BI Mec; do Ângelo, no comando do 34^o BI Mec (Foz do Iguaçu-PR) e do Braga Junior, Ajudante-Geral da Bda, ou seja, uma verdadeira “conspiração” pelo sucesso de nossos comandos, talvez os melhores pedaços de nossas vidas profissionais.

No início do comando, em virtude de duas graves hérnias de disco na coluna cervical, vinha realizando o desestimulante TAF alternativo, substituindo a corrida pela natação! Eis que, o irmão Timóteo, me receitou uma série de exercícios de alongamento matinais ao acordar, ainda deitado, além de corridas leves na grama... Foi tiro e queda! Nada de cirurgia de alto risco! Fiquei curado! Muito obrigado Timóteo!

Tenho muitas outras histórias a contar: aquela como aluno do Colégio Militar de Fortaleza (CMF) onde começou a minha vida militar, e recebi o título de Zé da bicicleta (eu chamava a atenção de todos por ser um menino de 11 anos pequeno e franzino que chegava diariamente no CMF pedalando uma enorme bicicleta); a experiência de Tenente na Vila Militar/RJ e no Nordeste; instrutor da Es MB; os cursos realizados na EsAO e na ECEME e finalmente o CPEAx - mas fica para uma próxima oportunidade.



Alessio **RIBEIRO SOUTO** (Mat Bel/QEM)



Tragédia em Ponta Porã

Após o término da AMAN, quatro aspirantes de Material Bélico (Dutra, Aildo, Marques e eu próprio) foram classificados na 4a. Companhia Média de Manutenção (Campo Grande-MS). A Companhia dava apoio logístico para as organizações militares localizadas na área de atuação da 9a. Região Militar, aí incluídas a 4a. Divisão de Cavalaria (Campo Grande-MS) e a 2a. Brigada Mista (Corumbá-MS). Em nossa nova Unidade, havia viagens aéreas com certa frequência e, por razões diversas, meus três amigos não participavam dessas missões — até porque, na maioria das vezes, eu era voluntário.

Um certo dia, o Capitão Coelho, comandante da Companhia, chegou um pouco mais cedo para o expediente e me disse que no dia anterior, domingo, o comandante da 4a. Divisão de Cavalaria, General Ângelo Irulegui da Cunha, o convocara e determinara que escalasse um oficial experiente para apoiá-lo nas inspeções de viaturas e armamentos das Organizações Militares apoiadas, por ocasião da visita que ele faria ao Sul do Estado, acompanhando o comandante da 9a. Região Militar, General Alberto Carlos de Mendonça Lima, que acabara de assumir o comando regional. O Capitão Coelho perguntou se eu queria ir. Como fiquei em silêncio, ele lembrou que o trajeto daria para eu completar 20 horas de voo, o que me daria um adicional nos vencimentos dos doze meses do ano seguinte. Eu respondi que não interessava o ganho em tela; importava mais a necessidade do serviço, uma vez que eu estava acumulando a Fiscalização Administrativa e o Subcomando da Companhia.

Em seguida, ele falou para irmos ao Pelotão de Manutenção para ver se o Tenente Camargo — paraquedista e mecânico experiente, operoso e com disposição incomum — se dispunha a ir. Dirigimo-nos para o Pelotão de Manutenção, onde o Camargo era Adjunto. Ao ser consultado, ele não hesitou e disse sim com entusiasmo. Como eu sabia que ele tinha vários problemas de saúde na família (envolvendo a esposa e dois dos sete filhos), chamei-o de lado e indaguei-lhe como estava o pessoal em casa. Ele assegurou que uma filha iria ao hospital para exames, pois em face de um severo problema, ela tinha que extrair vários dentes da arcada superior; mas que isso não era problema, pois ele chamaria a sogra, que morava em Porto Epitácio-SP, para acompanhar o

processo. Voltei-me para o Capitão Coelho e asseverei que o Camargo não deveria ir; portanto ele poderia me indicar para a missão.

Nesse instante, o Tenente Flávio, diligente comandante do Pelotão de Manutenção, pediu a palavra e afirmou que, numa rara exceção, por ser oficial R2, ele seria transferido para o Rio de Janeiro. E como ele não conhecia o Sul do estado, solicitou que eu abrisse mão da missão em seu favor. Dirigindo-me ao Capitão Coelho, disse que concordava com o pedido do Flávio e que ele poderia receber o encargo. E assim foi feito e ele foi designado.

No dia 17/Set/1974, a aeronave Búfalo pilotada pelo Coronel Aviador José Hélio Macedo Carvalho, comandante da Base Aérea de Campo Grande (transportando o General Mendonça Lima, comandante da 9ª RM, o General Irulegui, comandante da 4ª DC e grande parte dos Estados-Maiores dos dois Grandes Comandos, num total de 19 militares) partiu de Campo Grande para Três Lagoas (1º/4º Regimento de Cavalaria Motorizada); depois seguiu para Aquidauana (9º. Batalhão de Engenharia de Combate), onde pernito; e decolou para Amambai (17º. Regimento de Cavalaria). Lá chegando, o tempo estava completamente encoberto; então ele seguiu para a alternativa, que era Ponta Porã (11º. Regimento de Cavalaria). Nessa cidade, o tempo estava começando a fechar e o sargento da Aeronáutica baseado em terra recomendou que o avião seguisse para a alternativa.

O coronel piloto comandante do avião decidiu tentar achar uma abertura na névoa que encobria a localidade, pousar e, assim, cumprir a missão. Na tentativa que se seguiu, o avião desceu em demasia e colidiu com um poste metálico — há a versão de que a colisão foi com um caixa d'água suspensa — e espatifou-se no solo causando a morte de todos os militares, à exceção do sargento mecânico, que foi lançado pela janela que fica quase sobre a cabeça dos pilotos. Ele se quebrou todo, mas sobreviveu à custa de um longo período de recuperação.

Sempre que rememoro esse trágico evento, penso na conhecida e recorrente asserção de que “entre o céu e a terra há tantos mistérios que a nossa vã filosofia mal imagina”. Ademais, relato com alívio, pelas oportunidades que recusei para colocar-me no epicentro da tragédia; porém com dor, solidária com quem perdeu entes valorosos e queridos. Com emoção, homenageio os bravos guerreiros que sucumbiram no cumprimento de dever; e deixaram digno exemplo e suprema inspiração para aqueles que abrigam o ideal de servir.



Manoel **THEOPHILO** G. de Oliveira (Art)



Duas histórias, dois fatos

O primeiro fato que vou narrar, ocorreu no final do nosso 3º ano do curso de Artilharia.

Uma das tradicionais cerimônias é a passagem do Campo de Tiro. Nesta o 4º ano que se despede, passa o campo de tiro para o 3º ano para que assuma as Escolas de Fogo no ano seguinte.

Nesta solenidade, realizamos o tiro real com todo o material de artilharia disponível no Curso.

Eu estava de CLF e dei o comando para a Bateria de Canhões 75 que ainda possuíamos. Qual não foi minha surpresa ao ver que para o primeiro tiro a PD estava com o tubo muito baixo, a elevação comandada era pequena, mas estava quase na horizontal.

O Cadete CP também achou estranho e não queria dar o Peça Pronta. Checou todos os elementos e parecia estar tudo correto. Fui na peça chequei a elevação registrada, a coincidência dos ponteiros, tudo certo.

Fui voltando para a minha posição buscando o socorro de algum “aspirante” ou de algum instrutor. Nada. Todos os olhos fixos em mim aguardando minha decisão.

Sem saber mais o que fazer, levantei o braço e comandeí Fogo. O tiro saiu rasante e encristou logo à frente. Passado o susto, vimos que não havia ninguém ferido.

Nesta hora foi suspensa a demonstração, correram todos para peça e ninguém descobria o motivo. Até que um cadete, antigo oficial R2 de um Grupo 75, matou a charada.

Devido ao tempo, os parafusos desgastados, soltaram o ponteiro do tubo. Assim, apesar de estar coincidindo com o ponteiro do quadrante de alças, a elevação não estava no tubo.

Neste dia descobrimos o perigo de usar um material velho e muito desgastado pelo uso.

O segundo fato ocorreu, já como Tenente servindo em Natal.

Comandava o 17º GAC (Natal/RN) um Paraquedista audaz, o TC Silas Bueno, que determinou que todos os oficiais deveriam andar constantemente armados e ele próprio sempre portava uma Beretta e duas granadas ofensivas no suspensório.

Seu subcmt era um precursor aero terrestre, Maj Newton, que atendia pela alcunha de Newton Paiol; apoiava e secundava o comandante em tudo.

Comandava a 1ª BO, o Cap Respício que já chegou precedido por uma aura de super-homem por ser saltador livre e dirigir carros de corrida.

Eu comandava o PELOPES, em substituição ao Ortiz (71), que havia sido transferido. Com essa tríade de superiores, eu tinha autorização para planejar e executar as mais diversas operações, inclusive a invasão do forte dos Reis Magos, escalando as muralhas.

Por essa e outras, eu tinha grande prestígio junto ao Comando.

Certa feita fui passar o serviço para o meu irmão, impecavelmente fardado, farda engomada e vincada, coturnos brilhando, cabelo e barba feitos.

Eu saindo de serviço, barba por fazer (passava a noite acordado fazendo rondas e dando incertas), botas imundas (eu fazia as rondas no meu cavalo que criava no quartel), uniforme amarfanhado e, provavelmente, fedendo a cavalo.

Após apresentar-me e descrever o que havia feito no serviço (exigência dele), recebi um baita elogio. Meu irmão apresentou-se, talvez com a esperança de receber pelo menos uma observação sobre sua apresentação, mas o comandante só disse: “Ten José Theophilo, seu bigode está mandarinesco”.

Ele até hoje não me perdoa.

E quem não lembra das cabeleiras leoninas, costeletas hirsutas e bigodes mandarinescos?

CONCLUSÃO

“Ser humilde não é ser menos que alguém. É saber que não somos mais do que ninguém.”

No princípio do corrente ano de 2019, surgiu a ideia dos autores de montar um livreto artesanal com várias publicações que relatassem os 50 anos desde a chegada de nossa Turma na AMAN – 1969/2019.

Conseguimos! No entanto, pedimos desculpas aos leitores pela simplicidade do livreto. Esta é uma publicação não oficial da Turma; um livreto de caráter particular; linguagem coloquial; sem patrocínio; sem fins lucrativos; com edição limitada.

Caros leitores, foi difícil sintetizar em menos de uma centena de páginas os fatos, os acontecimentos e as narrativas desses cinquenta anos da Turma Marechal Mascarenhas de Moraes. A propósito, as narrativas foram o algo mais que está sendo apresentado. Nossa gratidão aos amigos que contaram suas histórias e, também, aos que forneceram subsídios. Obrigado a vocês pela inestimável colaboração.

Às esposas, nossos “Anjos da Guarda”, dedicamos alguns parágrafos. Elas mereceriam mais espaço.

Em 1969, chegamos na AMAN e, em 1972, ao sermos declarados aspirantes, nos espriamos pelas mais distantes plagas do Brasil. Entre idas e vindas, alguns companheiros lá e aqui se radicaram. Atualmente, temos representantes em todas as áreas. Nesses rincões foram plantadas as sementes da concórdia, da verdade, da lealdade, da palavra e da sabedoria (*de que nosso País é tão carente*), virtudes essas forjadas com extremo sacrifício, nas lides acadêmicas e tão necessárias para alimentar os valores éticos da sociedade brasileira.

Dez, vinte, trinta, quarenta e já chegamos aos cinquenta anos. Nada nos detém. A romaria em direção ao futuro continua, às vezes mais sacrificante. De encontros mensais aos anuais continuamos comparecendo e sedimentando ainda mais nossa união.

Caros leitores, são cinquenta anos desde a chegada na AMAN - o tempo passa muito rápido. Diz o poeta para esquecermos o tempo, pois as horas se vão céleres e desafiadoras. O tempo não dá tréguas. Devemos

aproveitar cada minuto, cada segundo. Respeitar o tempo: o tempo de pensar, o tempo de fazer, o tempo de implantar.

Encerramos com uma singela referência à amizade entre os integrantes da Turma Marechal Mascarenhas de Moraes, esses eternos meninos de circunstanciais cabelos grisalhos.

O tempo passa. A vida acontece. A família se solidifica. Os filhos crescem e seguem a sua vida como nós tão bem ensinamos. As carreiras terminam, chega a reserva - a terceira idade. Mas, os verdadeiros amigos, forjados nesses cinquenta anos de convivência, estão lá, não importa quanto tempo e quantos quilômetros estão entre nós.

As histórias e recordações dos tempos vividos juntos podem ser rememoradas nos encontros mensais em Brasília, Rio e São Paulo, nos encontros periódicos de Curitiba, Porto Alegre e Fortaleza e nos anuais.

Não existe papo mais gostoso do que o dos velhos amigos, que periodicamente se reúnem. Nada melhor que uma boa conversa na beira da praia ou na mesa de um restaurante, regada a bom vinho, colocando a conversa em dia.

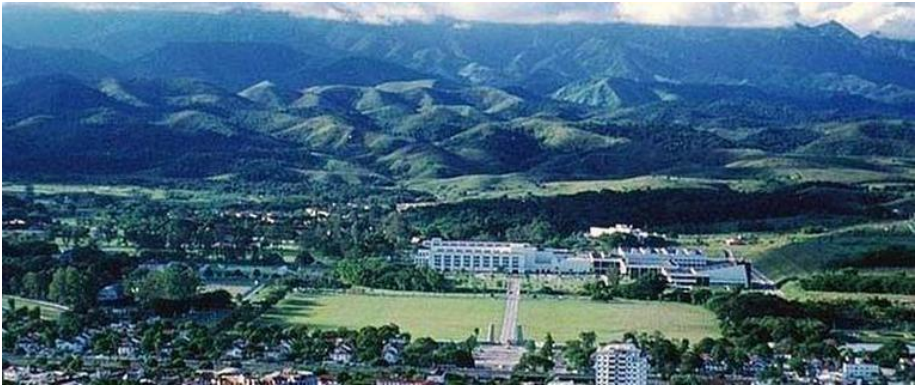
Quando iniciamos esta aventura chamada VIDA, não sabíamos o quanto precisaríamos uns dos outros, uma vez que de todos os bens que a sabedoria nos oferece o de AMIZADE é o mais importante.

Sempre juntos; sempre fortes; sempre unidos; sempre amigos.

(adaptação do conto de Rolando Boldrin)

“Vibrem bravos guerreiros, pois sois integrantes da singular Turma Marechal Mascarenhas de Moraes.”

FIM



Academia Militar das Agulhas Negras



Bas 1º Ano-Entrada



Bas 2º Ano-Montanhismo



Curso de Infantaria



Curso de Cavalaria



Curso de Artilharia



Curso de Engenharia



Curso de Comunicações



Curso de Intendência



Curso de Material Bélico